

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**Lucas Lima Borges  
Luisa Del Fabro Diessel**

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UM ESTUDO COM ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO  
ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Santa Maria, RS  
2017

**Lucas Lima Borges  
Luisa Del Fabro Diessel**

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UM ESTUDO COM ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO  
ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Ciências Contábeis, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Ciências Contábeis**.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Henrique Vey

Santa Maria, RS  
2017

**Lucas Lima Borges  
Luisa Del Fabro Diessel**

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UM ESTUDO COM ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO  
ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Ciências Contábeis, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Ciências Contábeis**.

**Aprovado em 06 de dezembro de 2017:**

---

**Ivan Henrique Vey, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

---

**Robson Machado da Rosa, Me. (UFSM)**

---

**Sérgio Rossi Madruga, Dr. (UFSM)**

Santa Maria,RS  
2017

## RESUMO

### **EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UM ESTUDO COM ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES**

AUTORES: Lucas Lima Borges e Luisa Del Fabro Diessel  
ORIENTADOR: Ivan Henrique Vey

Este trabalho apresenta um estudo, relacionado à educação financeira, com alunos do terceiro ano do ensino médio de escolas públicas e particulares. Tomou-se como exemplo a pesquisa desenvolvida por Cássio Bordin Fabra, em 2015, na Universidade Federal de Santa Maria, versando sobre “Educação Financeira e a tomada de decisões: um estudo à luz das finanças comportamentais”. O estudo teve como objetivo principal verificar quais os fatores que mais influenciam os estudantes do terceiro ano do ensino médio de escolas públicas e particulares a tomarem as suas decisões financeiras a fim de conhecer seu comportamento em frente à tomada de decisões, no ano de 2017. Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, de natureza quantitativa e qualitativa, sendo realizada por meio de aplicação de questionários. De modo geral, todos os fatores deste estudo, elencados pelas Finanças Comportamentais, acabam influenciando os estudantes, porém, os fatores renda, aversão ao risco e arrependimento demonstraram ser os maiores influenciadores na tomada de decisões financeiras, enquanto que o fator variáveis demográficas foi o menos influente. Buscou-se associações de variáveis para verificar a relação entre os atributos dos respondentes e os fatores em estudo. Através dos resultados obtidos na pesquisa e da comparação com o estudo de Fabra (2015), pode-se inferir que os indivíduos que possuem conhecimento na área financeira, como os acadêmicos do curso de ciências contábeis pesquisados por Fabra (2015), possuem menos aversão ao risco e menos arrependimentos, se comparados com os estudantes do ensino médio.

**Palavras chave:** Finanças Comportamentais. Educação Financeira. Decisões Financeiras.

## **ABSTRACT**

### **FINANCIAL EDUCATION: A STUDY WITH STUDENTS OF THE THIRD GRADE ON HIGH SCHOOL OF PUBLIC AND PRIVATE SCHOOLS**

**AUTHORS:** Lucas Lima Borges e Luisa Del Fabro Diessel  
**ADVISER:** Ivan Henrique Vey

This paper presents a study related to Financial Education, accomplished with students of the third grade on High School, in the public and private sectors. It was taken as an example the survey carried out by Cássio Bordin Fabra, in 2015, at Universidade Federal de Santa Maria, discussing about "Financial Education and Decision-Making: A Study in the Light of Behavioral Finance". This study aimed to verify the most influential factors to students of the third grade on High School, of the public and private sectors, on their financial decision to know their behavior in face of decision-making, in 2017. It is a descriptive and exploratory research, with a quantitative and qualitative approach, developed by the application of questionnaires. In general, all the factors on this study, listed by Behavioral Finances, end up influencing the students. However, income, aversion of risk and regret appear to be the biggest influential factors on financial decision-making, meanwhile the demographic variables' factor was the less influential. This work sought association of variables to verify the relation between the respondents' features and the studied factors. Through the obtained results in this research and the parallel made with the study accomplished by Fabra (2015), it is possible to infer that the individuals who have knowledge in the financial field, as the academics of Accounting Science examined by Fabra (2015), have less aversion of risk and less regrets, if compared to the students on High School.

**Keywords:** Behavioral Finances. Financial Education. Financial Decisions.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Etapas da pesquisa .....	50
-------------------------------------	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Onde o respondente adquiriu conhecimentos a respeito do tema Educação Financeira .....	61
---	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Princípios e recomendações de Educação Financeira .....	20
Quadro 2 – Desenvolvimento da vida financeira infantil.....	25
Quadro 3 – Comportamento do filho para cada faixa etária .....	26
Quadro 4 – Definições constitutivas dos fatores que influenciam na tomada de decisões financeiras .....	32
Quadro 5 – Definições operacionais dos fatores determinantes para a tomada de decisões.....	33
Quadro 6 – Explicando a questão 9 .....	35
Quadro 7 – Explicando o questionário .....	40
Quadro 8 – Onde foram adquiridos os conhecimentos sobre Educação Financeira .....	42
Quadro 9 – Explicando o questionário .....	52
Quadro 10 – Explicando a questão 14 do questionário utilizado.....	53
Quadro 11 – Resultado do Teste de Alfa de Cronbach por item.....	55
Quadro 12 – Associação instituição e Renda.....	59
Quadro 13 – Fatores que mais influenciam na tomada de decisões financeiras .....	67



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultado do Teste Alfa de Cronbach.....	56
Tabela 2 – Instituição frequentada pelos estudantes.....	56
Tabela 3 – Sexo dos estudantes .....	57
Tabela 4 – Idade dos estudantes.....	57
Tabela 5 – Rede de ensino frequentada pelos estudantes.....	58
Tabela 6 – Exercício de atividade profissional dos estudantes.....	58
Tabela 7 – Renda Bruta dos estudantes .....	59
Tabela 8 – Indicação se os estudantes conhecem ou já ouviram falar em Educação Financeira .....	60
Tabela 9 – Onde ocorreu a iniciativa ou projeto sobre Educação Financeira.....	62
Tabela 10 – Indicação se os estudantes acreditam ser importante o ensino deste tema em sua escola .....	62
Tabela 11 – Indicação se os estudantes recebem algum dinheiro de seus pais ou responsáveis .....	63
Tabela 12 – Indicação se os pais têm o costume de conversar sobre negócios ou dinheiro com os estudantes .....	63
Tabela 13 – Indicação se os pais dos estudantes costumam poupar dinheiro .....	64
Tabela 14 – Fatores que mais influenciam na tomada de decisões financeiras dos estudantes .....	65
Tabela 15 – Fatores que menos influenciam na tomada de decisões financeiras dos estudantes .....	65
Tabela 16 – Associação entre sexo e o fator Renda .....	69
Tabela 17 – Associação entre sexo e o fator Variáveis Demográficas .....	69
Tabela 18 – Associação entre instituição e o fator Cultura .....	70
Tabela 19 – Associação entre instituição e o fator Arrependimento .....	71
Tabela 20 – Associação entre atividade profissional e o fator Renda.....	72
Tabela 21 – Associação entre atividade profissional e o fator Variáveis Demográficas.....	72
Tabela 22 – Associação entre renda bruta e o fator Renda.....	73
Tabela 23 – Associação entre mesada e o fator Variáveis Demográficas .....	74
Tabela 24 – Associação entre mesada e o fator Aversão ao Risco .....	74

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1	OBJETIVOS .....	12
1.2	JUSTIFICATIVA.....	12
1.3	ESTRUTURA DO TRABALHO .....	13
<b>2</b>	<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	14
2.1	FINANÇAS .....	14
<b>2.1.1</b>	<b>Finanças comportamentais e pessoais</b> .....	15
<b>2.1.2</b>	<b>Teoria das perspectivas</b> .....	16
<b>2.1.3</b>	<b>Contabilidade mental</b> .....	17
2.2	EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO.....	17
2.3	EDUCAÇÃO FINANCEIRA .....	18
<b>2.3.1</b>	<b>Educação financeira x dinheiro</b> .....	22
<b>2.3.2</b>	<b>Educação Financeira X endividamento</b> .....	23
2.4	EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA .....	24
2.5	ORÇAMENTO FINANCEIRO .....	29
<b>2.5.1</b>	<b>Orçamento financeiro doméstico ou familiar</b> .....	30
2.6	ESTUDO DE FABRA (2015) REALIZADO NA UFSM.....	31
<b>2.6.1</b>	<b>Objetivos da pesquisa</b> .....	31
<b>2.6.2</b>	<b>Fatores abordados na pesquisa</b> .....	32
<b>2.6.3</b>	<b>Coleta de dados</b> .....	34
<b>2.6.4</b>	<b>Resultados obtidos</b> .....	36
<b>2.6.5</b>	<b>Resumo do capítulo</b> .....	37
2.7	ESTUDO DE SANTOS (2011) REALIZADO NA UFRGS .....	38
<b>2.7.1</b>	<b>Objetivos da pesquisa</b> .....	39
<b>2.7.2</b>	<b>Procedimentos metodológicos</b> .....	39
<b>2.7.3</b>	<b>Análise dos dados</b> .....	40
2.7.3.1	<i>Dados dos respondentes</i> .....	41
2.7.3.2	<i>Abordagem inicial sobre educação financeira</i> .....	41
2.7.3.3	<i>Participação dos pais e escola</i> .....	43
<b>2.7.4</b>	<b>Considerações finais do estudo</b> .....	45
<b>2.7.5</b>	<b>Resumo do capítulo</b> .....	45
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	47
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	47
3.2	ETAPAS DA PESQUISA.....	49
3.3	COLETA DE DADOS.....	51
3.4	ANÁLISE DOS DADOS .....	54
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES</b> .....	56
4.1	TESTE DE CONFIABILIDADE DO INSTRUMENTO DE MEDIDA.....	56
4.2	PERFIL DA POPULAÇÃO EM ESTUDO.....	57
<b>4.2.1</b>	<b>Perfil Socioeconômico dos estudantes</b> .....	58
4.3	ABORDAGEM INICIAL SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	61
<b>4.3.1</b>	<b>Participação dos pais e escola</b> .....	62
4.4	FATORES QUE INFLUENCIAM NA TOMADA DE DECISÕES FINANCEIRAS .....	65
<b>4.4.1</b>	<b>Breve comparação com a pesquisa de Fabra (2015)</b> .....	68
4.5	ASSOCIAÇÃO DE VARIÁVEIS .....	69
<b>4.5.1</b>	<b>Sexo e fator Renda</b> .....	70

4.5.2	<b>Sexo e o fator Variáveis Demográficas</b> .....	70
4.5.3	<b>Instituição e o fator Cultura</b> .....	71
4.5.4	<b>Instituição e o fator Arrependimento</b> .....	72
4.5.5	<b>Atividade profissional e o fator Renda</b> .....	72
4.5.6	<b>Atividade profissional e o fator Variáveis Demográficas</b> .....	73
4.5.7	<b>Renda bruta familiar e o fator Renda</b> .....	74
4.5.8	<b>Mesada e o fator Variáveis Demográficas</b> .....	74
4.5.9	<b>Mesada e fator Aversão ao Risco</b> .....	75
5	<b>CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES</b> .....	77
5.1	<b>LIMITAÇÕES E SUGESTÕES</b> .....	79
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	80
	<b>APÊNDICE</b> .....	85

## 1 INTRODUÇÃO

Pesquisa realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), permite o acompanhamento do perfil de endividamento do consumidor, com informações sobre o nível de comprometimento da renda do consumidor com dívidas, contas e dívidas em atraso, e sua percepção em relação à capacidade de pagamento. A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) é apurada mensalmente pela CNC, desde janeiro de 2010. Os dados são coletados em todas as capitais dos Estados e no Distrito Federal, com cerca de 18 mil consumidores.

Nessas pesquisas têm-se verificado que o percentual de famílias endividadas alcançou 58,9% em abril de 2017, com elevação de 1 ponto percentual, em comparação com o mês anterior, e a terceira alta mensal consecutiva em 2017. O cartão de crédito é a principal forma de endividamento para 76,6% das famílias, seguido de carnês e financiamentos de carros. Já o percentual de famílias inadimplentes - com dívidas ou contas em atraso - ficou em 24,1% em abril. Esse é o maior percentual registrado pela Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, desde setembro do ano passado.

É possível verificar no site do Ministério da Educação que a Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação preside o Grupo de Apoio Pedagógico (GAP) do Comitê, cujas ações resultaram num projeto piloto que, entre 2008 e 2010, levou educação financeira à Rede Pública de Ensino Médio dos estados do Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Tocantins e do Distrito Federal, onde produziu mudanças significativas na vida dos jovens estudantes e de suas famílias. O relatório conclui que jovens educados financeiramente podem contribuir para o crescimento de 1% do PIB do Brasil.

Percebendo-se a realidade brasileira em relação aos percentuais de endividamento, parte-se do pressuposto de que jovens educados precocemente na área financeira realmente podem ter uma maior qualidade de vida, impactar significativamente a vida de suas famílias com decisões financeiras de qualidade, e produzir melhorias no PIB do Brasil. Assim, é necessário responder à seguinte questão: o que influencia os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio das

escolas públicas e particulares de Santa Maria/RS na tomada de suas decisões financeiras?

Para resolver o problema de pesquisa proposto, o presente estudo cumpre os objetivos evidenciados a seguir:

### 1.1 OBJETIVOS

O estudo tem como objetivo geral verificar quais são os fatores que mais influenciam os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de escolas públicas e particulares, situadas em Santa Maria/RS, na tomada de suas decisões financeiras.

Para atender ao objetivo geral foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Com base nos estudos de Cássio Bordin Fabra (2015) e Pablo Giordano Giraldi dos Santos (2011), adaptar um instrumento de medida para a pesquisa atual;
- 2) Aplicar o instrumento de medida com os alunos de Ensino Médio de escolas públicas e privadas de Santa Maria;
- 3) Analisar a confiabilidade do instrumento de medida;
- 4) Identificar os fatores que mais influenciam e os que menos influenciam a tomada de decisão financeira;
- 5) Comparar com o estudo de Cássio Bordin Fabra, realizado em 2015;
- 6) Buscar associação entre as variáveis individuais da população e os fatores de estudo.

### 1.2 JUSTIFICATIVA

Observando-se o panorama atual, em que o percentual de famílias endividadadas apresentou em abril a terceira alta mensal consecutiva, sendo relatadas dívidas com cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, empréstimo pessoal, prestação de carro e seguros. A média alcançou 58,9% em abril de 2017, o que representa uma alta, em relação aos 57,9% observados em março de 2017 e, assim, somam-se três meses consecutivos de alta. O percentual

de famílias com dívidas ou contas em atraso também aumentou em abril de 2017, na comparação mensal, de 23,7% para 24,1% do total.

Surge, portanto, a oportunidade de averiguar os fatores que mais influenciam a tomada de decisão financeira dos estudantes que estão concluindo o Ensino Médio no ano de 2017, pois são esses alunos que serão a futura força de trabalho do país.

### 1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

O estudo está distribuído em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução, que aborda o tema tratado no restante do trabalho e os objetivos propostos para o estudo, e a justificativa que se destina a apresentar argumentos que defendam a importância do mesmo.

O segundo capítulo constitui-se da revisão bibliográfica, na qual são apresentadas informações referentes a finanças, finanças comportamentais e pessoais, e contabilidade mental, colocando-os em consonância com o tema da educação financeira, e da educação financeira na infância e adolescência. Além disso, aborda conceitos de endividamento, relação entre dinheiro e educação financeira e, por último, a respeito de orçamento financeiro. Também relata trabalhos de pesquisa que serviram como base para a realização deste estudo.

O terceiro capítulo dispõe sobre a metodologia do trabalho, evidenciando os procedimentos utilizados na pesquisa, incluindo a forma de coleta de dados e elaboração das análises.

A análise dos dados é realizada no quarto capítulo, que trata dos resultados obtidos neste estudo, bem como sua interpretação.

Por fim, no quinto capítulo são apresentadas conclusões e sugestões, que trazem, além dos resultados encontrados, relevantes observações a respeito destes.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para a realização deste estudo será necessário abordar os conceitos de finanças, finanças comportamentais e pessoais, contabilidade mental, e colocá-los em consonância com o tema educação financeira e educação financeira na infância e adolescência. Além disso, são abordados conceitos de endividamento, a relação entre o dinheiro e a educação financeira e, por último, orçamento financeiro.

### 2.1 FINANÇAS

Nesta parte é feita uma abordagem sobre o conceito de Finanças, e o ramo das Finanças Comportamentais, bem como da Teoria das Perspectivas e a Contabilidade Mental.

Segundo Assaf Neto e Lima (2014), Finanças pode ser entendida como área de conhecimento, e subdividida em três grandes segmentos: Mercado Financeiro, Finanças Corporativas e Finanças Pessoais.

Que são finanças? Podemos definir finanças como a arte e a ciência de administrar fundos. Praticamente todos os indivíduos e organizações obtêm receitas ou levantam fundos, gastam ou investem. As finanças ocupam-se do processo, instituições, mercados e instrumentos envolvidos na transferência de fundos entre pessoas, empresas e governos. (ABREU FILHO et al., 2005, p. 14).

Segundo Gitman (2002) pode-se definir Finanças como sendo a arte e a ciência de administrar fundos, ou seja, corresponde a administrar receitas, fazer investimentos, controlar gastos.

Já para Groppelli e Nikbakht (1998), finanças correspondem à aplicação de uma serie de princípios econômicos para maximizar a riqueza ou valor total de um negócio; em outras palavras, maximizar a riqueza significa obter o maior lucro possível, ao menor risco.

Baleeiro (2006) conclui que a atividade financeira consiste em obter, criar, gerir e gastar o dinheiro indispensável às nossas necessidades.

### 2.1.1 Finanças comportamentais e pessoais

Na área financeira os homens estão constantemente sujeitos a tomada de decisões, que muitas vezes podem representar o fracasso ou o sucesso de determinado projeto.

As finanças comportamentais visam esclarecer, através de estudos relacionados com a Psicologia, como os fatores psicológicos dos seres humanos podem afetar nas tomadas de decisões em relação às suas finanças (CAMARGO et al., 2015).

Segundo Camargo et al. (2015, p. 66), as finanças comportamentais constituem “um campo de estudos que tem grande destaque no cenário atual”, e com a junção de conceitos de diversas áreas, como a Psicologia e a Economia, por exemplo, tem por finalidade explicar as decisões dos indivíduos no setor financeiro.

Segundo Macedo Jr. et al. (2011), as finanças comportamentais buscam entender de forma descritiva as decisões e podem servir para o enriquecimento das prescrições dadas aos investidores.

Nessa mesma direção, Finanças Pessoais é a ciência que estuda a aplicação de conceitos financeiros nas decisões financeiras de uma pessoa ou família. Em finanças pessoais são considerados os eventos financeiros de cada indivíduo, bem como sua fase de vida para auxiliar no planejamento financeiro (CHEROBIM; ESPEJO, 2010).

Leopoldino (2014, p. 91) complementa que “o termo finanças pessoais se refere à disciplina que compreende os conhecimentos e práticas relativos à gestão dos recursos financeiros das pessoas físicas”.

Segundo Gava (2004, p. 12), “para começar a entender Finanças Pessoais é preciso ter essa ideia principal que estrutura a sociedade capitalista, de forma que o dinheiro tem caráter de mercadoria, e como mercadoria, possui um preço”.

Para Leopoldino (2014) podem ser elencadas várias razões para aprender mais sobre Finanças Pessoais. São elas: avaliar decisões passadas referentes a finanças; planejar decisões futuras; utilizar profissionalmente este conhecimento, como consultor, por exemplo; prevenir ou sair de uma crise; ajudar no planejamento de vida e carreira; realizar sonhos de consumo, entre outros.



O referido autor ainda destaca que existem alguns princípios básicos para as finanças pessoais: existir equilíbrio entre receita e despesa: gastar mais do que se dispõe é gerar dívidas, aumentando os riscos; formação de uma reserva para momentos difíceis: existem dificuldades como doenças, catástrofes e acidentes, e estes eventos estão associados a maiores gastos, por isso considera-se que a formação de uma reserva seja algo obrigatório; evitar dívidas, buscando ser credor e poupador ao invés de devedor e gastador; investir adequadamente, conhecendo os riscos. Esses princípios são requisitos básicos para a gestão dos recursos financeiros das pessoas (LEOPOLDINO, 2014).

Ao estudar Finanças Comportamentais, estudam-se também os vieses psicológicos e os fatores que afetam as pessoas no processo da tomada de decisão em um ambiente financeiro. São esses fatores que serão abordados nesse estudo.

### **2.1.2 Teoria das perspectivas**

Nesta seção, é feita uma rápida abordagem sobre a Teoria das Perspectivas, um dos principais marcos para as Finanças Comportamentais.

Barbedo e Silva (2008, p. 71) afirmam que “A Teoria das Perspectivas é, sem dúvida, a pesquisa mais importante no campo das finanças comportamentais”. Ela identificou dois padrões de comportamentos até então ignorados pelas abordagens clássicas: a falta de autocontrole do tomador de decisão, e a dificuldade em entender plenamente a situação com a qual o tomador de decisão está lidando.

Segundo Barbedo e Silva (2008, p. 56),

Um problema que envolva a tomada de decisão pode ser estruturado de diferentes formas, ainda que haja apenas uma única solução ótima. A falta de racionalidade do tomador de decisão é explicada pelas formas de apresentação do problema. Isso porque o hábito ou a característica pessoal de quem toma a decisão podem enviesar a escolha da alternativa.

A Teoria das Perspectivas é uma ferramenta muito importante para a tomada de decisões no campo das Finanças Comportamentais, principalmente em situações que envolvam incertezas e riscos, pois a irracionalidade pode levar a falta de autocontrole na tomada de decisão.

### 2.1.3 Contabilidade mental

Outro conceito relacionado à teoria das perspectivas é a contabilidade mental. “Contabilidade mental é um processo no qual os indivíduos tendem a separar seus ativos correntes e futuros em partes não comunicáveis” (BARBEDO; SILVA, 2008, p. 71).

Marion (2008 apud CAMARGO et al., 2015, p. 66), destaca que “a contabilidade mental propõe que os indivíduos executam mentalmente operações de contabilidade, numa tentativa de organizar e avaliar suas decisões financeiras”.

A contabilidade mental refere-se à maneira como as pessoas organizam, registram e analisam suas transações econômicas, sendo que muitas vezes não sabem controlar suas receitas e suas despesas na forma de registros contábeis. Isto acontece devido ao fato dos indivíduos não conseguirem perceber que assim como nas organizações formais, suas finanças também possuem contas de ativo, passivo e patrimônio líquido, as quais precisam ser controladas. (CAMARGO et al., 2015, p. 66).

Assim como a Teoria das Perspectivas, a Teoria da Contabilidade Mental indica que tomamos decisões de forma menos racional do que parece. As decisões financeiras são tomadas sem considerar todas alternativas e consequências. Nesses casos é possível aplicar a Teoria da Contabilidade Mental, na tentativa de organizar e avaliar suas decisões financeiras.

## 2.2 EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO

A seguir, serão abordados alguns conceitos de educação e o quanto o ensino interfere no desenvolvimento humano.

A educação é o que poderá mudar todo o sistema atual. Peretti (2007, p. 05) escreve que “[...] o segredo está no desenvolvimento humano”.

Para a opinião pública geral, também é central a posição da educação quanto ao desenvolvimento e quanto ao nível de renda. Enquete a respeito de educação detectou que 61% dos (as) brasileiros (as) eleitores (as) com 16 anos de idade ou mais concordam totalmente que “a baixa qualidade do ensino vai prejudicar o desenvolvimento do país” e 24% concordam em parte. E 83% concordam totalmente ou em parte com a afirmação: “a renda de uma pessoa será maior quanto mais anos de educação ela tiver”. (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, 2010, p. 8-9, apud GHANEM, 2012, p. 215).

Peretti (2007, p. 41-44) afirma que “a baixa qualidade de ensino e a falta de conhecimento da população tornaram-se uma preocupação, pois tudo gira em torno da educação”.

Um dirigente do Conselho Nacional de Secretários de Educação afirmou que “Educação, para mim, significa mudança. Significa a possibilidade de transformar o Brasil em um país melhor” (RAMOS, 2009, apud GHANEM, 2012, p. 214).

O aluno não estuda noções de comércio, economia, finanças ou impostos. O sistema educacional ignora o assunto “dinheiro”, algo incompreensível, já que a alfabetização financeira é fundamental para ser bem sucedido em um mundo complexo. [...] Não tenho dúvida de que essa falha é responsável por muitos fracassos pessoais e familiares. (MARTINS, 2004, p. 05).

Nesse ponto, pode-se inferir que a educação, ou mais especificamente a qualidade da educação, indica ser um importante aspecto do desenvolvimento humano.

## 2.3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Esta parte do trabalho visa buscar diversos tópicos de discussão acerca da Educação Financeira, e a relação com o dinheiro e o endividamento.

Segundo Banco Central do Brasil (2017):

Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e produtos financeiros. Com informação, formação e orientação claras, as pessoas adquirem os valores e as competências necessários para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos a elas associados e, então, façam escolhas bem embasadas, saibam onde procurar ajuda e adotem outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, a Educação Financeira é um processo que contribui de modo consistente, para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.

De outro modo, a educação financeira é definida como a capacidade que os indivíduos têm de tomar decisões apropriadas na gestão das suas finanças pessoais. Desta forma, a educação financeira e as finanças pessoais referem-se ao conjunto de habilidades e conhecimentos que permite ao indivíduo tomar decisões eficazes com seus recursos financeiros (MEDEIROS; LOPES, 2014).

Para Kioyosaki e Lechter (2000, p. 73), um dos pontos importantes na educação financeira é entender a Contabilidade. Nesse sentido, saber distinguir um

ativo de um passivo, e saber que os ricos adquirem ativos e os pobres e a classe média, passivos. E define: “um ativo é algo que põe dinheiro no bolso, e um passivo é algo que tira dinheiro do bolso”.

Estou muito preocupado pelo fato de que gente demais se preocupa excessivamente com dinheiro e não com sua maior riqueza, a educação. Se as pessoas estiverem preparadas para serem flexíveis, mantiverem suas mentes abertas e aprenderem, elas se tornarão cada vez mais ricas ao longo dessas mudanças. Se elas pensarem que o dinheiro resolverá seus problemas, receio que terão dias difíceis. A inteligência resolve problemas e gera dinheiro. O dinheiro sem a inteligência financeira é dinheiro que desaparece depressa. (KIOYOSAKI; LECHTER, 2000, p. 74).

Para Modernell (2012) o processo de educação financeira serve para ajudar as pessoas a adquirir bons hábitos financeiros, para que possam conquistar melhores condições de vida, sejam elas as famílias de baixa renda ou as de classes mais privilegiadas. O foco não deve ser na busca de conhecimentos, nem na perseguição das riquezas, mas na melhoria de atitudes que ajudem a fazer o dinheiro render mais, para que proporcione às pessoas mais tranquilidade, mais segurança, mais conforto e mais prazer.

Se pararmos para pensar, estamos sujeitos a um mundo financeiro muito mais complexo que o das gerações anteriores. No entanto, o nível de educação financeira da população não acompanhou esse aumento de complexidade. A ausência de educação financeira, aliada à facilidade de acesso ao crédito, tem levado muitas pessoas ao endividamento excessivo, privando-as de parte de sua renda em função do pagamento de prestações mensais que reduzem suas capacidades de consumir produtos que lhes trariam satisfação. (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013, p. 12).

Ainda Banco Central do Brasil (2013, p. 12) explica que a educação financeira pode trazer diversos benefícios, entre os quais possibilitar o equilíbrio das finanças pessoais, preparar para o enfrentamento de imprevistos financeiros e para a aposentadoria, qualificar para o bom uso do sistema financeiro, reduzir a possibilidade de o indivíduo cair em fraudes, preparar o caminho para a realização de sonhos, enfim, tornar a vida melhor.

Santos (2015, p. 110) garante que,

A Educação Financeira não consiste somente em aprender a economizar, cortar gastos, poupar e acumular dinheiro. É buscar uma melhor qualidade de vida tanto hoje quanto no futuro, proporcionando a segurança material

necessária para aproveitar os prazeres da vida e ao mesmo tempo obter uma garantia para eventuais imprevistos.

Sebstad (2003 apud BRUTES; SEIBERT, 2014, p. 177) afirma:

[...] o propósito da educação financeira é ensinar às pessoas conceitos relacionados ao dinheiro e como administrá-lo com sabedoria. O objetivo é capacitar as pessoas a tornarem-se mais informadas nas suas decisões financeiras, desenvolver a consciência das questões e escolhas referentes às suas finanças pessoais, e aprender habilidades básicas relacionadas a ganhar, gastar, orçar, poupar, emprestar e investir dinheiro.

No Quadro 1, destacam-se alguns princípios e recomendações sobre educação financeira, de acordo com a OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico).

Quadro 1 – Princípios e recomendações de educação financeira

(continua)

1) A educação financeira deve ser promovida de forma justa e sem vieses, permitindo que o desenvolvimento das competências financeiras nos indivíduos seja embasado em informações e instruções apropriadas, livres de interesses particulares.
2) Os programas de educação financeira devem focar as prioridades de cada país, isto é, adequarem-se à realidade nacional, podendo incluir, em seu conteúdo, aspectos básicos sobre planejamento financeiro, bem como conceitos elementares de matemática e economia. Os indivíduos que estão para se aposentar devem estar cientes da necessidade de avaliar a situação de seus planos de pensão, necessitando agir apropriadamente para defender seus interesses.
3) O processo de educação financeira deve ser considerado, pelos órgãos administrativos e legais de um país, como um instrumento para o crescimento e a estabilidade econômica, sendo necessário que se busque complementar o papel exercido pela regulamentação do sistema financeiro e pelas leis de proteção ao consumidor;
4) O envolvimento das instituições financeiras no processo de educação financeira deve ser estimulado, de tal forma que a adotem como parte integrante de suas práticas de relacionamento com seus clientes, provendo informações financeiras que estimulem a compreensão de suas decisões, principalmente nos negócios de longo prazo e naqueles que comprometam expressivamente a renda atual e futura de seus consumidores;
5) A educação financeira deve ser um processo contínuo, acompanhando a evolução dos mercados e a crescente complexidade das informações que os caracterizam;

Quadro 1 – Princípios e recomendações de educação financeira

(conclusão)

6) Devem ser veiculadas campanhas nacionais de estímulo à compreensão dos indivíduos quanto à necessidade de buscarem a capacitação financeira, bem como o conhecimento dos riscos envolvidos nas suas decisões;
7) A educação financeira deve começar na escola. É recomendável que as pessoas se insiram no processo precocemente;
8) As instituições financeiras devem ser incentivadas a certificar-se que os clientes leiam e compreendam todas as informações disponibilizadas, especificamente quando forem relacionadas aos negócios de longo prazo ou aos serviços financeiros, com consequências relevantes;
9) Os programas de educação financeira devem focar, particularmente, aspectos importantes do planejamento financeiro pessoal, como a poupança e a aposentadoria, o endividamento e a contratação de seguros;
10) Os programas devem ser orientados para a construção da competência financeira, devendo ser adequados a grupos específicos, e elaborados da forma mais personalizada possível.

Fonte: OCDE (2005 apud SAITO; SAVÓIA; PETRONI, 2006, p. 5).

Segundo BRASIL (2010),

Através da Educação Financeira, consumidores e investidores aperfeiçoam sua compreensão dos produtos financeiros e também desenvolvem habilidades e segurança para se tornarem mais conscientes dos riscos e oportunidades financeiras, para fazerem suas escolhas e para saberem onde buscar ajuda, melhorando assim a relação com suas finanças.

Conforme D’Aquino (2017) uma educação financeira apropriada deve abarcar quatro pontos:

- a) como ganhar dinheiro: o grande desafio da educação é educar para que os resultados possam aparecer, não hoje, mas daqui a 10, 20 ou 30 anos. E também, educar as crianças para um mercado que nem conseguimos imaginar como será. As ferramentas essenciais para prepararmos nossas crianças, são, por exemplo, desenvolver o espírito empreendedor e estimular o raciocínio de um modo inovador;
- b) como gastar o dinheiro: para aprendermos a lidar com finanças com certa habilidade, precisamos saber diferenciar o “eu quero” do “eu preciso”. Gastar em coisas que queremos é muito legal e é importante. “Mas parte de nossas

- responsabilidades, como pais e educadores, é ensinar que, na vida, as necessidades veem em primeiro lugar.” (D’AQUINO, 2017, p. 1);
- c) como poupar: uma das razões para aprender a poupar é a segurança. Mas precisamos levar em consideração outros fatores. Ter uma poupança ajuda a criar disciplina, ter limite e autorrespeito;
  - d) como doar tempo, talento e dinheiro: Precisamos ensinar que o ato de doar faz parte da responsabilidade social que cabe a cada um de nós. Devemos educar futuros cidadãos para que compreendam que a solução de seus problemas, ou os problemas do país, não depende exclusivamente do governo. “Acima de tudo, a Educação Financeira deve ensinar que a responsabilidade social e a ética precisam estar sempre presentes no ganho e uso do dinheiro”. (D’AQUINO, 2017, p. 1).

Modernell (2016) analisa que [...] a educação financeira não envolve apenas a aquisição de conhecimento, ela tem que ser capaz de promover a mudança de atitude, de valores e de comportamento para que seja eficaz.

Atitudes simples como pesquisar preços, pedir descontos, comparar produtos e serviços, pagar à vista, controlar as despesas, evitar desperdícios e dívidas, conhecer os direitos do consumidor, pensar no futuro, manter reservas financeiras para emergências ou oportunidades, fazer investimentos compatíveis com os sonhos, preservar bens e buscar a valorização do patrimônio, evitar compras por impulso, antecipar-se às armadilhas do comércio, resistir às tentações do crédito fácil, exigir nota fiscal, informar-se sobre condições contratuais, sobre prestadores de serviços, guardar termos de garantia, ser previdente, são atitudes simples que, quando adotadas por rotina, podem resultar em economias e ganhos financeiros relevantes. Atitudes como essas são reflexos da verdadeira educação financeira. (MODERNELL, 2012, p. 1).

Por tudo isso, Modernell (2012) conclui que a educação financeira precisa ser vista como um conjunto de hábitos financeiros saudáveis que contribuam para melhorar a situação e as perspectivas financeiras das pessoas.

### **2.3.1 Educação financeira x dinheiro**

Na maioria das vezes nos preocupamos demais com o dinheiro, e não pensamos na educação financeira. São esses pontos de discussão que serão abordados na subseção a seguir.

Kioyosaki e Lechter (2000, p. 44) destacam que,

[...] gente demais se preocupa excessivamente com dinheiro e não com sua maior riqueza, a educação. Se as pessoas estiverem preparadas para ser flexíveis, se mantiverem suas mentes abertas e aprenderem, elas se tornarão cada vez mais ricas ao longo dessas mudanças. Se elas pensarem que o dinheiro resolverá seus problemas, receio que terão dias difíceis. A inteligência resolve problemas e gera dinheiro. O dinheiro sem a inteligência financeira é dinheiro que desaparece depressa.

Aqueles autores ainda afirmam que “a maioria das pessoas não percebe que na vida o que importa não é quanto dinheiro você ganha, mas quanto dinheiro você conserva.” (KIOYOSAKI; LECHTER, 2000, p. 44).

Conforme Eker (2006, p. 18),

Como se forma, então, o modelo de dinheiro? A resposta é simples. Ele se constitui fundamentalmente da informação ou programação que a pessoa recebeu no passado, sobretudo quando era criança. Quais foram as fontes primárias dessa programação ou condicionamento? Para a maioria de nós, a lista inclui pais, irmãos, amigos, figuras de autoridade, professores, líderes religiosos mídia e cultura para mencionar alguns elementos. Vejamos a cultura. Sabemos que algumas sociedades têm formas próprias de pensar sobre o dinheiro e de lidar com ele, enquanto outras fazem isso de um modo diferente. Você acredita que a criança já sai do ventre da mãe com as atitudes formadas em relação ao dinheiro ou que ela é ensinada a lidar com ele? Acertou: toda criança é ensinada a pensar e agir no que diz respeito às finanças. (EKER, 2006, p. 18).

Banco Central do Brasil (2013, p.12) reforça que

Desde cedo, começamos a lidar com uma série de situações ligadas ao dinheiro. Para tirar melhor proveito do seu dinheiro, é muito importante saber como utilizá-lo da forma mais favorável a você. O aprendizado e a aplicação de conhecimentos práticos de educação financeira podem contribuir para melhorar a gestão de nossas finanças pessoais, tornando nossas vidas mais tranquilas e equilibradas sob o ponto de vista financeiro.

Observa-se que educar-se financeiramente é mudar atitudes com relação ao dinheiro. É necessário saber usar o dinheiro de forma planejada e organizada.

### **2.3.2 Educação Financeira X endividamento**

Na subseção a seguir, estão estruturados conceitos de endividamento, bem como a relação deste com a Educação Financeira.



Ferreira (2006) diz que o endividamento compreende assumir ou contrair dívidas, derivando do verbo endividar-se.

Cerbasi (2003) analisa que o endividamento pessoal não está diretamente ligado a renda do indivíduo, e sim a forma como ele administra as suas receitas e despesas.

Em uma pesquisa feita no Reino Unido, percebeu-se que as pessoas, possuidoras de um nível maior de alfabetização financeira tendem a assumir dívidas com menores custos, gerando um menor risco de endividamento. (DISNEY; GATHERGOOD, 2011 apud FLORES; VIEIRA; CORONEL, 2013, p. 18).

Muitos dos grandes problemas financeiros são causados pelo desejo de se acompanhar a maioria e não querer ficar atrás do vizinho. Ocasionalmente, todos nós precisamos nos olhar no espelho e seguir nossa sabedoria interior e não nossos medos. (KIOYOSAKI; LECHTER, 2000, p. 64).

Santos (2015, p. 80) assegura que,

A ausência de Educação Financeira, aliada à facilidade de acesso ao crédito, pode levar muitas pessoas ao endividamento, comprometendo parte de sua renda em função do pagamento de prestações mensais que reduzem suas capacidades de consumir produtos e serviços.

O autor acima reitera que a falta de planejamento, falta de recursos, o divórcio, doenças, o desemprego, manter o status, vícios, a falta de educação financeira são alguns motivos comportamentais que levam às pessoas a contrair dívidas. (SANTOS, 2015).

## 2.4 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Colocar o ensino de educação financeira em prática desde a infância faz com que se tenham jovens mais estruturados em suas finanças pessoais. São essas discussões que serão abordadas na seção a seguir.

Para Pereira (2003), o processo de educação financeira deveria começar por volta dos dois ou três anos de idade, quando a criança pede pela primeira vez dinheiro para doces e brinquedos.

De acordo com Machado (2006), a educação financeira deve ser trabalhada tanto no ambiente doméstico quanto no ambiente escolar. Ainda mais no período em

que vivemos em que a televisão, o rádio, a internet e todos os meios de comunicação de massa procuram, de forma avassaladora, levar as crianças a desejar produtos.

Ainda Machado (2006, p. 1) explica que a educação financeira “auxilia os pequenos a perceber melhor essa relação e, ao mesmo tempo, compreender que a maior parte daquilo que lhes é mostrado na televisão não pode ser adquirido”.

SANTOS (2012, p. 246) analisa que,

Os pais são os principais formadores de pessoas consumistas/materialistas. A cada ano que passa as crianças se envolvem mais cedo com celulares e notebooks de brinquedo, são inseridas em um universo adulto, aprendem a valorizar ao extremo a aparência e se habitua a fazer comparações. Esse “jeito de ser” aprofunda na mente e nos corações dessas crianças o sentimento de que “ter” nos torna melhores que os outros.

No Quadro 2, destacam-se as fases financeiras, conforme a idade da criança.

Quadro 2 – Desenvolvimento da vida financeira infantil

Idade	Definição
3 a 4 anos	Pouco interesse pelas questões relacionadas ao dinheiro. Gostam de moedas e suas cores. As brincadeiras podem girar em torno de classificação por tamanho e cor.
5 anos	Distinguem moedas e começam a associar dinheiro e compra. Lições simples como brincar de lojinha ou ter um cofrinho são bem-vindas.
6 anos	Distinguem moedas e reconhecem valor maior e menor. O dinheiro ainda é algo imediato. Não têm muita noção de poupar.
7 anos	Querem ganhar o próprio dinheiro, fazem pequenas compras. Momento para ter uma caderneta de poupança. Incentivos em procurar itens no supermercado são bem-vindos nessa fase.
8 anos	Algumas demonstram grande interesse pelo dinheiro, querem saber preço de tudo e conseguem guardar a mesada para comprar algum item de maior valor. Idade ideal para discutir sobre os desejos a serem realizados a partir do hábito de poupar.

Fonte: STUART (2009 apud SANTOS, 2014, p. 3).

Complementando, com base em seu acompanhamento da educação infantil Cerbasi (2011) criou o quadro 3, que mostra o comportamento do filho para cada faixa etária.

Quadro 3 – Comportamento do filho para cada faixa etária

Idade	Principais características comportamentais	Papel dos pais quanto à educação financeira
0 a 2 anos	Os desejos não estão associados ao dinheiro, mas o interesse pelas atitudes dos pais é intenso e crescente.	Dar exemplo através de suas atitudes, pois estas serão copiadas pelos filhos e os tomarão mais disciplinados.
3 a 4 anos	A realização de desejos é associada ao ato de comprar, que depende essencialmente da vontade e do dinheiro dos pais.	Evitar banalizar o consumo e estabelecer regras para o uso do dinheiro, como limites orçamentários e datas para celebração e presentes.
5 a 6 anos	Percepção de que é possível interagir com estranhos sem intervenção de adultos.	Cultivar a independência, permitir aos filhos que interajam com vendedores e manipulem dinheiro em compras pequenas.
7 a 10 anos	Percepção de papéis sociais e quantificação de valores, como o aprendizado da matemática.	Conversar sobre dinheiro, trabalho, sustento da família, objetivos dos estudos e escolha de profissões.
11 a 14 anos	Percepção das responsabilidades e primeiros conflitos típicos da adolescência.	Cultivar a autonomia, com a prática da mesada ou da oferta de recursos de uso livre pelos filhos. Incluir os filhos nas tarefas de organização financeira familiar.
Acima de 15 anos	Necessidade de assumir papéis típicos de adultos.	Conversar sobre temas relacionado à administração pessoal, uso de bancos, incentivos maiores à formação de poupança e desejos versus investimentos necessários.

Fonte: CERBASI (2011, p. 42).

Há várias razões que justificam a necessidade de educar as crianças financeiramente. Machado (2006) discorda da afirmação de que a educação financeira não deve acontecer tão prematuramente na vida das crianças, e explica que ao ensiná-los a poupar recursos e utilizá-lo de forma racional, se estará educando não apenas para o momento presente, mas semeando adultos que

tenham mais juízo em relação aos seus ganhos, quando tiverem que administrar as finanças de suas próprias casas e famílias.

De acordo com Meneghetti Neto et al. (2014, p. 268),

Provavelmente, um dos maiores erros é não ensinar as crianças a lidarem com o dinheiro. E o fato de não se falar sobre isso em casa pode fazer com que as crianças tenham uma ideia errada sobre a vida. Muitas crianças poderão pensar que as luzes da casa, o telefone e a televisão são obras de Deus e que ele mesmo se encarregará de mantê-los sempre funcionando. Desse modo, quanto mais cedo os pais falarem sobre finanças, mais rápido eles entenderão que o dinheiro é o que faz movimentar tudo em casa e que é importante saber administrá-lo bem.

Segundo D'Aquino (2008, p.10):

Educar não é tarefa fácil. Sobretudo quando se trata de educar num cenário em que a ética do consumo, as rápidas transformações dos vínculos familiares e a novidade de viver num ambiente de economia estável se juntam para nos confundir. Todavia, mesmo difícil, cansativa e tantas vezes desorientadora, a aventura de proteger, formar e emancipar alguém a quem se quer tão bem não tem paralelo em prazer e amor. Ensinar os filhos a lidar com o dinheiro é parte fundamental nesse processo.

E qual o papel que a escola deverá desempenhar no que se refere à educação financeira?

Para Machado (2006, p. 1),

O mais importante é que as escolas e os educadores percebam a necessidade de realizar esse ensino desde as primeiras séries do fundamental através da utilização regular desses conceitos e ideias nas aulas de matemática e de outras disciplinas que possam lhe dar apoio.

Para mudar a visão das crianças de que o dinheiro está sempre disponível, dependendo somente da boa vontade dos pais em agradá-las, Santos (2014, p. 3) salienta que “é importante que os pais comecem a destacar, de forma cada vez mais frequente, o seu significado, a sua importância, como é obtido, o que ele compra e o que acontece quando acaba”.

Para Cerbasi (2011), o dinheiro deve fazer parte da rotina da criança, para não serem criados bloqueios que dificultem seu uso na vida adulta.

Medeiros e Lopes (2014, p. 224) afirmam que “o ensino de finanças pessoais nas escolas é um fator fundamental para melhorar os problemas de endividamento enfrentados por grande parte da população mundial”.

Aqueles autores ainda reforçam a importância das finanças pessoais entre jovens adultos, “visto que os hábitos financeiros positivos ou negativos que se formam durante a transição para a fase adulta tende a persistir durante toda esta última”. (SHIM et al., 2010 apud MEDEIROS; LOPES, 2014, p. 224).

Sobre a falta de instrução financeira nas escolas em que os jovens freqüentam, Kioyosaki e Lechter (2000, p. 13) analisam que,

Muitos dos jovens de hoje tem cartão de crédito antes de concluir o segundo grau e, todavia, nunca tiveram aulas sobre dinheiro e a maneira de investi-lo, para não falar da compreensão do impacto dos juros compostos sobre os cartões de crédito. Simplesmente, são analfabetos financeiros e, sem o conhecimento de como o dinheiro funciona, eles não estão preparados para enfrentar o mundo que os espera, um mundo que dá mais ênfase à despesa do que à poupança.

Ainda sobre a ausência de uma educação financeira nas escolas, Kioyosaki e Lechter (2000, p. 44) destacam que,

Nosso sistema escolar, por ter sido criado na época agrária, ainda acredita em casas sem alicerces. Chão de terra batida ainda está na moda. Assim, a garotada sai da escola sem qualquer fundamento financeiro. Um dia, insones e endividados no subúrbio, vivendo o sonho americano, elas decidem que a resposta para seus problemas financeiros está em achar um meio de enriquecer rapidamente.

Meneghetti Neto et al (2014) enfatizam que ao perguntar aos jovens se eles sabem lidar com o dinheiro, a resposta automática é sim. Mas, quando questionados se eles conseguem ficar sempre com dinheiro, a resposta é não. Afirmam ainda que a taxa de desemprego dos jovens é bem significativa e, que para aqueles que estão inseridos no mercado de trabalho, o rendimento mensal não é mais que um salário mínimo.

Mesmo assim, a utilização dos cartões de plástico é cada vez maior, o crédito vai explodindo e o endividamento aumentando. A tendência consumista de muitos jovens é insustentável no médio prazo. Como dar bons exemplos aos adolescentes, se os adultos não praticam a principal regra: gastar menos do que ganha? (MENEGETTI NETO et al. 2014, p. 302).

É necessário mudar a mentalidade dos jovens, e para isso duas atividades são essenciais. A primeira é controlar as despesas através de um orçamento doméstico, gastando menos do que se ganha. Procedendo assim, os jovens podem

visualizar as pequenas despesas como: celular, bares, lanches e baladas. Em segundo lugar, é necessário fazer poupança para se preparar melhor para o futuro. Quanto antes empreender essas ações melhor, caso contrário a combinação perigosa do “muito gasto e pouca poupança” irá aparecer rapidamente. (MENEGETTI NETO et al. 2014).

A melhor forma de ser abordado o tema seria nas escolas com o apoio prático da família, assim os alunos entenderiam que a educação financeira não visa o enriquecimento e sim a conscientização para que o jovem saiba tomar suas decisões financeiras de forma mais segura.

## 2.5 ORÇAMENTO FINANCEIRO

A importância do Orçamento Financeiro se dá pela possibilidade de adequar a renda às necessidades. A seguir estão estruturados os principais conceitos de Orçamento, assim como, a importância do orçamento na nossa vida pessoal.

Segundo Banco Central do Brasil (2013, p. 20), conceitua-se orçamento como:

Uma ferramenta de planejamento financeiro pessoal que contribui para a realização de sonhos e projetos. Para que se tenha um bom planejamento, é necessário saber aonde se quer chegar; é necessário internalizar a visão de futuro trazida pela perspectiva de realização do projeto e estabelecer metas claras e objetivas, as quais geralmente precisam de recursos financeiros para que sejam alcançadas ou para que ajudem a atingir objetivos maiores. Por isso, é importante que toda movimentação de recursos financeiros, incluindo todas as receitas (rendas), todas as despesas (gastos) e todos os investimentos, esteja anotada e organizada.

E complementa explicando que o orçamento financeiro pessoal oferece uma oportunidade para avaliarmos nossa vida financeira, e definirmos nossas prioridades (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013).

O orçamento nos ajuda a conhecer nossa sua realidade financeira, escolher nossos projetos, fazer nosso planejamento financeiro, definir nossas prioridades, identificar e entender nossos hábitos de consumo, organizar nossa vida financeira e patrimonial e administrar imprevistos (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013).

Um importante princípio a ser seguido na elaboração do orçamento é que as despesas não devem ser superiores às receitas. Mais do que isso, é prudente que as receitas superem as despesas, para que você possa formar uma poupança, investindo seu superávit financeiro de modo a ter

recursos suficientes para eventuais emergências, realizar sonhos, preparar sua aposentadoria etc. (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013, p. 21).

Para Ewald (2004, p. 8), “orçamento é a peça mais importante de ajuda na administração da escassez de recursos, tanto para um governo como para uma empresa ou uma família”.

### **2.5.1 Orçamento financeiro doméstico ou familiar**

Peretti (2007) afirma que o objetivo do orçamento familiar é dar uma visão correta dos negócios familiares, e facilitar a correta utilização das receitas e a aplicação adequada desses recursos.

Um orçamento é um plano que ajuda a saber quanto uma família gasta, e a manter as despesas dentro do quanto ganha. Ajuda na maturidade financeira, proporcionando controle e domínio dos desejos impostos pela pressão do mercado. “O orçamento deve contribuir para estabelecer limites e saber gerenciá-los” (PERETTI, 2007, p. 08).

O orçamento doméstico costuma ser desconhecido ou ignorado. Resultado: em muitas famílias, as despesas fogem do controle e é muito comum faltar dinheiro antes do mês acabar. Aí a coisa fica feia,; sobrando mês e faltando dinheiro. [...] Recomenda-se, nesses casos, um esforço para se fazer um orçamento. [...] Fala-se em esforço, pois as dificuldades são muitas e é preciso uma grande força de vontade e o envolvimento consciente de todas as pessoas da casa. (EWALD, 2004, p. 12).

Ainda Ewald (2004, p. 39)

O respeito ao orçamento doméstico é fundamental por duas razões; tanto a despesa quanto a receita devem ser planejadas com bastante exatidão por conta da estabilidade econômica. [...] Quando seu orçamento doméstico já estiver estruturado e funcionando a contento, com a sua estrutura de despesas bem definida, será possível avaliar a sua condição familiar de convivência com a inflação.

É preciso que todos os membros da família que são responsáveis por despesas e gastos estejam envolvidos na elaboração do orçamento doméstico, comprometendo-se com a estruturação e, para que isso de fato ocorra, deve haver certa dose de esforço, “para que as dificuldades que eventualmente surgirem,

possam ser enfrentadas, e que principalmente o foco não se perca”. (EWALD, 2004, p. 12).

É preciso uma mudança de comportamento para que toda pessoa ou família mantenha um planejamento para melhor controle do fluxo financeiro, viabilizando concretizar desejos e necessidades de forma consciente.

## 2.6 ESTUDO DE FABRA (2015) REALIZADO NA UFSM

Tomando-se como exemplo o estudo realizado na Universidade Federal de Santa Maria, pelo acadêmico Fabra (2015), com os alunos do curso de Ciências Contábeis, evidenciou-se a capacidade de tomada de decisões financeiras como forma de demonstrar o nível de educação financeira dos mesmos.

### 2.6.1 Objetivos da pesquisa

Conforme pesquisa realizada na Universidade Federal de Santa Maria, versando sobre “Educação Financeira e a tomada de decisões: um estudo à luz das finanças comportamentais”, foi definido por Fabra (2015) como sendo seu objetivo geral identificar quais os principais fatores que influenciam os acadêmicos na tomada de decisões financeiras e, ainda, determinados como objetivos específicos:

- a) Proceder uma revisão literária com ênfase nas Finanças Comportamentais;
- b) Definir os fatores que têm influência na tomada de decisões de consumo, de acordo com estudiosos da área de Finanças Comportamentais;
- c) Elaborar um conjunto de itens que demonstrem os fatores que interferem na tomada de decisões financeiras;
- d) Compor uma ferramenta de medida, alicerçado nos itens construídos e aplicar na população em estudo; e
- e) Procurar a associação entre as variáveis individuais da população analisada e os fatores em estudo.



## 2.6.2 Fatores abordados na pesquisa

Como há um grande número de motivos significativos que explicam a postura financeira do indivíduo, foram abordados nessa pesquisa alguns fatores considerados relevantes para as finanças comportamentais, como: trabalho, cultura, renda, valores e as variáveis demográficas. Do mesmo modo, incluem-se a dissonância cognitiva, o excesso de confiança e o arrependimento, inseridos sob um aspecto mais psicológico; e a aversão ao risco, de suma importância para as finanças comportamentais e para a tomada de decisões financeiras. (FABRA, 2015, p. 22).

No Quadro 4, foram elaboradas as definições constitutivas dos atributos dos fatores influenciadores na tomada de decisões financeiras, de acordo com o estudo sobre Finanças Comportamentais e seus determinantes, feito na Universidade Federal de Santa Maria.

Quadro 4: Definições constitutivas dos fatores que influenciam na tomada de decisões financeiras.

(continua)

Domínio do Constructo	Definições constitutivas dos atributos
Fatores que influenciam na tomada de decisões financeiras, segundo as Finanças Comportamentais	<b>Trabalho:</b> A ascensão, ou não, do trabalho desenvolvido pelo acadêmico, impacta diretamente na sua estima, de maneira positiva ou negativa, refletindo no seu comportamento.
	<b>Cultura:</b> Os aspectos culturais, como religião, raça e região em que vive, interferem, ou não, no trato com o dinheiro dos acadêmicos.
	<b>Renda:</b> A oscilação e o nível da renda dos acadêmicos interferem, ou não, no seu consumo.
	<b>Valores:</b> O valor que o dinheiro tem para os acadêmicos e o poder motivacional e a influência que os alunos possuem para poupar ou investir.
	<b>Variáveis demográficas:</b> Análise de idade, sexo, estado civil, entre outras, a fim de identificar a influência no comportamento financeiro dos acadêmicos.
	<b>Dissonância cognitiva:</b> Capacidade do acadêmico em alterar suas convicções pré-existentes sobre investimentos ou financiamentos em situações de perda e ganho.

Quadro 4: Definições constitutivas dos fatores que influenciam na tomada de decisões financeiras.

(conclusão)

	<b>Excesso de confiança:</b> O excesso de confiança dos acadêmicos e a influência em seu consumo, que pode, ou não, levar a um endividamento.
	<b>Arrependimento:</b> Situações já vividas pelos acadêmicos e decisões em situações de incerteza podem influenciar nas suas decisões de consumo.
	<b>Aversão ao risco:</b> Análise do comportamento dos acadêmicos em frente a situações de risco e situações mais seguras no âmbito financeiro.

Fonte: FABRA (2015, p. 37).

No Quadro 5, foram elencadas definições operacionais para cada fator que possui influencia na tomada de decisões financeiras:

Quadro 5: Definições operacionais dos fatores determinantes para a tomada de decisões.

(continua)

1) Trabalho	Promoções no trabalho aumentam o desempenho; estagnação no cargo afetam, ou não, o rendimento; aumento ou corte salarial influenciam, ou não, no comportamento financeiro; plano de carreira e o poder de induzir a maneira de gastar o salário.
2) Cultura	Religião afeta, ou não, o comportamento quanto ao dinheiro; etnia e a relação de interferência na responsabilidade do trato com o dinheiro; comportamento local e/ou familiar afetam a maneira de pensar financeiramente.
3) Renda	O volume da renda familiar pesa nas decisões financeiras; a renda individual afeta, ou não, a maneira de consumir ou poupar; aumento/diminuição da renda e o impacto no consumo.
4) Valores	O valor do dinheiro para o indivíduo; dinheiro e seu valor impactam a maneira de pensar financeiramente; a influência do valor que o dinheiro tem para o indivíduo na decisão de poupar ou consumir; o valor do dinheiro e o comportamento financeiro em frente a situações de status social.
5) Variáveis demográficas	Idade e a relação de interferência na responsabilidade do trato com o dinheiro; gênero da pessoa pode influenciar a maneira de gastar; o estado civil pode impactar o comportamento financeiro; a formação educacional e a sua relação com o comportamento financeiro.

Quadro 5: Definições operacionais dos fatores determinantes para a tomada de decisões.

(conclusão)

6) Dissonância cognitiva	O nível de educação financeira afeta a maneira de pensar; a resistência para mudar de opinião em frente a situações ruins acontecidas anteriormente, como, por exemplo, más experiências financeiras; a mudança de comportamento em frente a situações de perda e ganho.
7) Excesso de confiança	Excesso de confiança nos conhecimentos e a influência no comportamento financeiro; confiança exagerada com base no nível de educação financeira e o risco de comportamento impulsivo; autoconfiança excessiva e escolhas ruins de consumo.
8) Arrependimento	Situações passadas podem influenciar na maneira de pensar; alguma situação de impulsividade em momento de consumir afetou, ou não, na escolha precipitada, levando ao arrependimento; situações de incerteza e pouco conhecimento e a influência em uma má decisão que gerou arrependimento;
9) Aversão ao risco	Análise do comportamento financeiro em frente a riscos; escolha entre situações de ganho menor e mais seguro e situações de ganho maior e mais inseguro; preferência por arriscar e almejar ganhos maiores; preferência por manter a cautela, mesmo que leve a ganho menores; comportamento como medo ou coragem ao arriscar no âmbito financeiro.

Fonte: FABRA (2015, p. 38).

Fabra (2015) verificou nesse estudo que todos os fatores, alguns mais outros menos, acabam influenciando os acadêmicos na tomada de decisões. Os três fatores mais influentes são renda, trabalho e valores e os três menos influentes são cultura, excesso de confiança e aversão ao risco.

### 2.6.3 Coleta de dados

Em relação à forma de coleta dos dados, Fabra (2015) explica que para coletar os dados essenciais ao desenvolvimento do estudo foram aplicados questionários, com os acadêmicos de todos os semestres do curso de Ciências Contábeis da UFSM, em outubro de 2015.

Em relação à forma de elaboração do questionário, Fabra (2015) afirma que o mesmo foi desenvolvido com base em instrumentos já utilizados em outros estudos da área, e nas teorias existentes dentro das Finanças Comportamentais, sendo composto por 8 (oito) questões fechadas e de caráter socioeconômico, e 1 (uma) questão fechada com 45 itens em escala de Likert, sendo 4 (quatro) as opções de resposta: Discordo Totalmente, Discordo, Concordo, Concordo Totalmente.

Fabra (2015) salienta que os 45 itens que constituem a questão 9 tem a intenção de apontar a visão que os alunos respondentes possuem a respeito dos fatores propostos, e a sua influência na tomada de decisões financeiras.

De acordo com Fabra (2015) foram listados 9 fatores: Trabalho, Renda, Cultura, Valores, Variáveis Demográficas, Dissonância Cognitiva, Excesso de Confiança, Arrependimento e Aversão ao risco, com 5 afirmativas para cada um dos fatores elencados. É necessário salientar que, em todas as afirmativas, o fato de o respondente demonstrar um comportamento de aceitação em cada opção indica a existência de influência do fator na tomada de decisões financeiras.

Com a finalidade de facilitar o entendimento, a respeito da forma como foi desenvolvida a questão 9, criou-se o Quadro 06, tendo como fonte Fabra (2015):

Quadro 06 - Explicando a questão 9

<b>Ordem</b>	<b>Fatores elencados</b>	<b>Forma de construção</b>	<b>Observação</b>
1	Trabalho	5 afirmativas para cada fator elencado, sendo 4 as opções de resposta: Discordo Totalmente, Discordo, Concordo, Concordo Totalmente	Se o respondente apresentar um comportamento de concordância em cada opção indica a existência de influência do fator na tomada de decisões financeiras
2	Renda		
3	Cultura		
4	Valores		
5	Variáveis Demográficas		
6	Dissonância Cognitiva		
7	Excesso de Confiança		
8	Arrependimento		
9	Aversão ao Risco		

Fonte: FABRA (2015).

Fabra (2015) destaca que para o desenvolvimento da análise com a população em estudo, optou-se por utilizar o censo, e que no total foram aplicados 204 questionários no curso de Ciências Contábeis.

#### **2.6.4 Resultados obtidos**

Em relação à análise dos dados coletados, Fabra (2015) indica que foi realizada a tabulação através do programa Microsoft Excel, onde foi possível inserir os dados coletados através do questionário, criar tabelas e fazer o cruzamento de variáveis.

Fabra (2015) assinala, ainda, que no pacote estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), que foi o programa estatístico escolhido para analisar os dados coletados, foram inseridos os dados tabulados no Microsoft Excel, buscando-se um grau mínimo de confiabilidade de 0,7, de acordo com o teste de Alfa de Cronbach, ou seja, um percentual mínimo para a confiabilidade interna dos dados envolvidos no questionário aplicado.

Após tabular os dados, Fabra (2015) afirma que a escala Likert foi modificada com a finalidade de a pontuação máxima alcançar 20 pontos (Discordo Totalmente = 5, Discordo = 10, Concordo = 15, Concordo Totalmente = 20).

Na sequência, Fabra (2015) afirma que, com base na análise da média e a mediana, foi observado que os itens ficaram com valores muito próximos, portanto, utilizou-se a média dos valores para estabelecer quais fatores influenciavam a tomada de decisões financeiras dos acadêmicos do curso de Ciências Contábeis.

Fabra (2015), na busca por associação de variáveis, relatou que foi realizada a dicotomização por itens, transformando-os em dados qualitativos para a análise quali-quali entre as variáveis individuais de cada item da população em estudo, e os fatores que influenciam na tomada de decisões financeiras, resultando em informações com alta e baixa concordância para a associação.

Fabra (2015) explana ainda que, com o auxílio do teste do Chi-Quadrado de Pearson (teste não paramétrico) objetivou-se encontrar a influência das informações socioeconômicas, como idade e sexo, nos fatores influenciadores para a tomada de decisões. Por intermédio do teste do Chi-Quadrado ficou evidenciado aqueles que possuíam maior nível de significância na associação das variáveis.

Segundo Fabra (2015), o valor atribuído ao Alfa de Cronbach é de 0,843, superior aos 0,7 mínimos exigidos para se considerar confiável. Sendo assim, o instrumento de coleta de dados utilizado possui fidedignidade e confiabilidade por consistência interna.

De acordo com Fabra (2015), dentre as associações de variáveis com maior relevância esteve a que se relacionou entre o sexo e o fator renda, onde foi verificado que os acadêmicos do sexo masculino possuem menor influência da renda na tomada de decisões do que as acadêmicas do sexo feminino. Isto pode evidenciar que as mulheres do curso pensam mais no nível de renda, antes de tomar qualquer decisão, do que os homens.

Na pesquisa desenvolvida por Fabra (2015), o sexo teve associação, além da renda, com o fator excesso de confiança, sendo que a população do sexo masculino mostrou ter um excesso de confiança mais elevado na sua tomada de decisões do que a do sexo feminino. Essa confiança exagerada pode vir a dificultar o acadêmico em suas decisões financeiras, quando se considera a teoria geral das finanças, segundo a qual o indivíduo era capaz de tomar sua melhor decisão de maneira racional.

Conforme Fabra (2015), o sexo também obteve associação com o fator variáveis demográficas. Os acadêmicos do sexo masculino demonstraram maior propensão para considerar esse fator em sua tomada de decisões que as acadêmicas do sexo feminino. Ainda nas associações, fazendo-se um comparativo dos semestres iniciais com os finais, ficou evidente que os acadêmicos dos semestres iniciais possuem pouca aversão ao risco, enquanto que os acadêmicos dos semestres finais possuem um nível de aversão ao risco mais elevado. Pode-se deduzir que os acadêmicos dos semestres finais terem uma cautela maior em suas decisões pode estar relacionado ao fato de estarem próximos da finalização dos estudos, e possuírem um nível de educação financeira diferente de quando começaram os estudos de graduação.

### **2.6.5 Resumo do capítulo**

O estudo realizado na Universidade Federal de Santa Maria pelo acadêmico Cássio Bordin Fabra com os alunos do curso de Ciências Contábeis teve por

finalidade verificar a capacidade de tomada de decisões financeiras, como forma de demonstrar o nível de educação financeira dos mesmos.

Como objetivo geral foi definido identificar quais os principais fatores que influenciavam os acadêmicos na tomada de decisões financeiras, e ainda, dentre outros, como objetivos específicos, elaborar um conjunto de itens que demonstrem os fatores que interferem na tomada de decisões financeiras, compor uma ferramenta de medida, aplicar a ferramenta nos acadêmicos e procurar a associação entre as variáveis individuais da população analisada e os fatores em estudo.

Verificou-se que foram elencados 9 fatores considerados relevantes para a pesquisa: Trabalho, Renda, Cultura, Valores, Variáveis Demográficas, Dissonância Cognitiva, Excesso de Confiança, Arrependimento e Aversão ao risco. Os três fatores mais influentes são renda, trabalho e valores, e os três menos influentes são cultura, excesso de confiança e aversão ao risco.

A forma de coleta de dados se deu por meio de aplicação de questionário, e em relação a forma de elaboração do questionário, o mesmo, é composto por 8 questões fechadas e de caráter socioeconômico, e 1 questão fechada com 45 itens em escala de Likert, sendo 4 as opções de resposta: Discordo Totalmente, Discordo, Concordo, Concordo Totalmente.

Em relação aos resultados alcançados pela pesquisa, ficou evidenciado que os fatores Renda, Trabalho e Valores foram elencados pelos acadêmicos como os mais influenciadores na tomada de decisões financeiras, enquanto fatores como Arrependimento e Excesso de Confiança foram classificados como menos influentes. Ainda no capítulo, pode-se observar a influência dos atributos individuais da população em estudo, sobre fatores que influenciam na tomada de decisões, como por exemplo, no caso do fator Renda, que mostrou-se mais influente para a população do sexo feminino em sua tomada de decisões.

## 2.7 ESTUDO DE SANTOS (2011) REALIZADO NA UFRGS

Como referência será abordado um estudo realizado pelo acadêmico Pablo Giordano Giraldo dos Santos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulado “Análise do conhecimento financeiro dos alunos de Ensino Médio”.

### **2.7.1 Objetivos da pesquisa**

De acordo com Santos (2011), teve-se por objetivo geral verificar o nível de conhecimento financeiro dos alunos de Ensino Médio de escolas públicas em Porto Alegre e Região Metropolitana. Em relação aos objetivos específicos, Santos (2011) elencou: caracterizar o perfil socioeconômico, e testar o conhecimento financeiro dos alunos participantes da pesquisa.

### **2.7.2 Procedimentos metodológicos**

Conforme Santos (2011), quanto aos meios e aos fins, sua pesquisa foi classificada quanto aos fins como descritiva, em virtude de serem apresentadas características de determinada amostra, no caso alunos de Ensino Médio, e de determinado fenômeno, o conhecimento financeiro dos mesmos. Ainda segundo o autor, no que se refere aos meios de investigação foram desenvolvidas as pesquisas de campo e bibliográfica.

A pesquisa de campo foi utilizada, de acordo com Santos (2011), para se obter dados e informações dos alunos a respeito de seus conhecimentos em educação financeira, por intermédio de questionários aplicados em escolas. No tocante à pesquisa bibliográfica, Santos (2011) discorre que a mesma foi utilizada como fonte de informações, na forma de documentos, livros e publicações periódicas.

Referindo-se à população amostral, Santos (2011) afirma que os alunos do Ensino Médio das escolas públicas de Porto Alegre e Alvorada são o foco da pesquisa de campo. Santos (2011) informa que em virtude da grande dificuldade das escolas permitirem a execução da pesquisa em suas dependências, a população amostral foi selecionada por ser não-probabilística e por acessibilidade.

Santos (2011) salienta que, quanto à coleta de dados, os mesmos foram colhidos utilizando questionários, em forma de teste, com 36 questões predominantemente fechadas.

Com a finalidade de facilitar o entendimento, a respeito da forma como foi desenvolvida o questionário, criou-se o Quadro 07, tendo como fonte Santos (2011):



### Quadro 07 - Explicando o questionário

Questões	Divisão do questionário	Objetivo/Explicação
1 a 5	Dados do Aluno	Identificação inicial do aluno
6 a 9	Abordagem inicial sobre educação financeira	Identificar se o respondente possui familiaridade com a temática.
10 a 18	Participação dos pais e escola	Conhecer o ponto de vista do estudante, em relação ao papel da escola e dos pais em sua Educação Financeira
19 a 35	Conhecimento em Educação Financeira	O conhecimento financeiro do respondente é testado
36	Opinião do aluno	Reservado para, caso queira, o aluno deixar suas sugestões e comentários

Fonte: SANTOS (2011).

Referindo-se aos dados coletados, Santos (2011) informou que foi utilizado o GoogleForms, uma ferramenta online que possibilitou a criação e a análise do questionário. Após salvar em formato Excel os resultados obtidos no GoogleForms, Santos (2011) salienta que os dados do Excel foram importados para o Sphix, sendo utilizadas as ferramentas disponíveis neste sistema, para complementar o tratamento dos dados.

#### 2.7.3 Análise dos dados

De acordo com Santos (2011), após a tabulação das respostas os dados obtidos foram analisados sob a ótica do referencial teórico. No que diz respeito à amostra, Santos (2011) afirma que a pesquisa foi aplicada em 4 escolas, totalizando 411 questionários, e que somente os alunos dos primeiro e segundo anos do Ensino Médio foram incluídos na pesquisa.

Conforme Santos (2011), na Escola Estadual de Educação Básica Professor Gentil Viegas Cardoso, 116 questionários foram respondidos; na Escola Estadual de Ensino Médio Maurício Sirotsky Sobrinho, 66 questionários respondidos; na Escola Estadual de Ensino Médio Mário Quintana, 109 questionários respondidos; e na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Alcides Cunha, foram 120 os questionários respondidos.

### *2.7.3.1 Dados dos respondentes*

Santos (2011) afirma que foram respondidos 254 questionários, por estudantes do primeiro ano do Ensino Médio; 148 questionários por estudantes do segundo ano do Ensino Médio; e 9 estudantes não responderam à pesquisa. Santos (2011) salienta, ainda, que ocorreu uma variação etária na faixa dos 14 aos 20 anos, o que demonstra que alguns estudantes estão atrasados, em relação a outros, em sua formação no Ensino Médio.

Segundo Santos (2011), dos 411 alunos pesquisados, destacam-se dois grupos: os que não sabem quanto suas famílias ganham (168 respondentes), e os que têm uma família que atinge no máximo R\$ 2.300,00 (147 respondentes) de rendimentos mensais.

Conforme Santos (2011), 82 alunos afirmaram que suas famílias auferem ganhos entre R\$ 2.300,00 e R\$ 8.100,00, o que demonstra que essas famílias percorrem ambientes de classe baixa e alta.

Santos (2011) evidencia que 8 alunos responderam que suas famílias possuem rendimentos entre R\$ 8.100,00 e R\$ 14.400,00; apenas 2 alunos informaram rendimento superior a R\$ 14.400,00. Juntos, esses dois grupos não representam nem 3% de toda a amostra, o que demonstra que as classes que possuem maiores condições financeiras não matriculam, na maioria dos casos, seus filhos em escolas públicas de Ensino Médio.

### *2.7.3.2 Abordagem inicial sobre educação financeira*

Segundo Santos (2011), após tomar conhecimento das características iniciais dos alunos, foi realizada uma abordagem inicial, com o objetivo de identificar se o respondente possui familiaridade com a temática.

De acordo com Santos (2011), 165 respondentes (40,2%) afirmaram que nunca ouviram falar em educação financeira, 244 respondentes (59,4%) já ouviram falar em educação financeira, e 2 alunos (0,5%) não responderam à pergunta.

Conforme Santos (2011), no que se refere à maneira por meio da qual teria sido obtido o conhecimento financeiro dos estudantes que o declararam ter, foram

oferecidas aos alunos as opções: escola, internet, família, jornais, revistas, livro, amigos, entre outras.

Quadro 08 – Onde foram adquiridos os conhecimentos sobre Educação Financeira

Escola	71	18%
Internet	92	23%
Família	94	24%
Jornais, livros ou revistas	130	33%
Amigos	29	7%
Nunca ouvi falar do tema	129	33%
Outro	44	11%

Fonte: SANTOS (2011, p. 46)

Santos (2011) salienta o alto número de estudantes que responderam “nunca ouvi falar sobre o tema”. Esta resposta foi idealizada com o objetivo de atender aqueles que responderam anteriormente que nunca tinham ouvido falar, ou não conheciam Educação Financeira.

Conforme Santos (2011), na questão anterior, quando perguntado se tinha conhecimento sobre educação financeira, 165 responderam que não conheciam o assunto; já na questão posterior, quando perguntado onde adquiriu o conhecimento, 129 responderam que nunca tinham ouvido falar sobre o tema, o que demonstra que 36 alunos responderam o local onde tinha aprendido um conhecimento que eles declararam não ter.

Segundo Santos (2011) o somatório dos percentuais de cada resposta supera os 100%, porque poderia ser apontada mais de uma alternativa pelo respondente. Santos (2011), concentrando-se nos alunos que conheciam o tema, informou que, jornais, livros e revistas foram a fonte de informação que mais prevaleceu, o que revela que os alunos estão lendo mais, adquirindo assim mais conhecimento sobre o assunto.

Santos (2011), em sua pesquisa, evidenciou que internet e família ficaram quase iguais, o que mostra a importância crescente do uso da internet para a educação. Além disso, em sua análise o autor verificou que a escola está na penúltima posição. De acordo com Santos (2011), a opção amigos ficou na última posição, enquanto na alternativa “outros”, a resposta mais repetida é a televisão.

No questionário desenvolvido por Santos (2011), quando os alunos foram perguntados se acreditavam que aprender sobre o uso do dinheiro fosse importante para suas vidas, 401 afirmaram ser importante instruir-se sobre o uso do dinheiro, e 10 disseram que não. Santos (2011) então afirma que os alunos, na sua grande maioria, possuem interesse pelo assunto, e acreditam que o mesmo é relevante para as suas vidas. Até mesmo os jovens que nunca ouviram falar sobre o assunto demonstraram interesse, e reconhecem a importância de aprender sobre o assunto.

### *2.7.3.3 Participação dos pais e escola*

Conforme Santos (2011), nenhuma das escolas pesquisadas, segundo suas respectivas direções escolares, oferece algum tipo de iniciativa, ou atividade, relacionada ao assunto educação financeira.

Segundo Santos (2011) quando perguntados se acreditavam ser importante que o tema fosse ensinado na escola, a grande maioria, 383 alunos, respondeu que sim; 22 alunos responderam que não é importante; e 6 alunos não responderam a questão. De acordo com Santos (2011) a pesquisa demonstrou que 93,19% dos alunos gostariam de aprender sobre o assunto, sendo, portanto um tema que interessa muito à juventude.

Na pesquisa desenvolvida por Santos (2011), também se procurou saber os respondentes que recebiam, ou não, dinheiro de seus pais. Tomou-se conhecimento de que quase a metade, 42,34% dos jovens, recebem alguma quantia de seus pais, e podem administrá-la por conta própria.

Outros dois grupos se sobressaem na pesquisa de Santos (2011); o dos que não recebem dinheiro dos pais, nem trabalham, que são 21,65%; e o dos que não recebem, pois já trabalham, sendo 25,55%. Santos (2011) afirma que mais de um quarto dos alunos já trabalha, mesmo durante o Ensino Médio, demonstrando que os filhos de famílias de classes mais baixas iniciam no mercado de trabalho cedo, para ajudar no sustento da sua família.

Santos (2011) destaca que dos 211 estudantes que afirmaram receber algum dinheiro de seus pais, 36,97% recebem essa quantia sem periodicidade definida, o que é ariscado, tendo em vista o controle das finanças familiares. Outro ponto relevante destacado por Santos (2011) é que 35,55% recebem dinheiro

mensalmente, levando-se assim à conclusão de a população, em geral, está mais habituada ao conceito de meses, tanto para o recebimento de salários, como para o pagamento de contas.

Quando perguntados sobre a importância que eles dão para a quantia financeira recebida, se é que para eles há alguma importância, a pesquisa de Santos (2011) evidenciou que a maior parte, 50,85% dos alunos, afirmam que o valor que recebem de seus pais é apenas para gastar no que eles gostam.

Segundo Santos (2011), a segunda alternativa mais escolhida foi “pagar minhas contas” (com 16,55%), o que evidencia que desde cedo o jovem está recebendo uma quantia financeira para o pagamento de dívidas, mesmo antes de entrar para o mercado de trabalho.

A pesquisa de Santos (2011) mostra que 16,06% dos alunos creem que o recebimento desses valores serve para sua educação financeira. O autor afirma que isso evidencia que são poucos os que reconhecem que estes pagamentos servem para testar suas habilidades financeiras.

Para Santos (2011), é de suma importância que a Educação Financeira inicie no ambiente familiar, sendo os pais os responsáveis em instruir seus filhos em questões financeiras.

O estudo em questão investigou, também, se os pais conversam sobre dinheiro com seus filhos. Santos (2011) afirma que ficou evidente que 55,72% dos pais conversam com seus filhos sobre finanças, supondo ainda que, caso a sua pesquisa abrangesse alunos de escolas particulares, este número seria maior.

Quando perguntado aos estudantes se os seus pais poupam dinheiro, 70,07% respondeu que sim. Para Santos (2011), ter uma poupança é muito importante como forma de se precaver para situações de perda de emprego, crise econômica, doenças, entre outras.

Outros aspectos que envolvem a análise de dados, realizada por Pablo Giordano Giraldo dos Santos, não serão abordados no presente trabalho, tendo em vista que as demais perguntas analisadas pelo mesmo não serão contempladas no questionário adaptado.

#### **2.7.4 Considerações finais do estudo**

Baseado nos dados coletados, Santos (2011) conclui seu estudo afirmando que a maior parte dos estudantes do Ensino Médio das escolas públicas de Porto Alegre e Alvorada não possuem um conhecimento satisfatório de Educação Financeira.

Por mais que possuam vontade de aprender, Santos (2011) discorre que a instituição de ensino e seus pais não os estão educando sobre como lidar com o dinheiro.

#### **2.7.5 Resumo do capítulo**

Em estudo intitulado “Análise do conhecimento financeiro dos alunos de Ensino Médio”, Santos (2011) definiu como objetivo geral de sua pesquisa verificar o nível de conhecimento financeiro dos alunos de Ensino Médio, de escolas públicas em Porto Alegre e Região Metropolitana.

De acordo com Santos (2011), a pesquisa é tem finalidade descritiva, e quanto aos meios de investigação, foram desenvolvidas as pesquisas de campo e bibliográfica.

Santos (2011) informa que os alunos do Ensino Médio das escolas públicas de Porto Alegre e Alvorada são o universo da pesquisa. Além disso, quanto à coleta de dados, os mesmos foram colhidos utilizando questionários em forma de teste, com 36 questões predominantemente fechadas. Para o tratamento dos dados coletados, Santos (2011) afirma que foram utilizados dois softwares o GoogleForms e o Sphix.

Conforme Santos (2011) a pesquisa foi aplicada em 4 escolas, totalizando 411 questionários, e somente os alunos dos primeiro e segundo anos do Ensino Médio foram incluídos na pesquisa.

Santos (2011) afirma que foram respondidos 254 questionários por estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, 148 questionários por estudantes do segundo ano do Ensino Médio e 9 estudantes não responderam a pesquisa.

Segundo Santos (2011) dos 411 alunos pesquisados, destacam-se dois grupos: os que não sabem quanto suas famílias ganham (168 respondentes), e os

que têm uma família que atinge no máximo R\$ 2.300,00 (147 respondentes) de rendimentos mensais.

Na abordagem inicial sobre educação financeira, presente em seu questionário, Santos (2011) explica que 165 respondentes (40,2%) afirmaram que nunca ouviram falar em educação financeira, 244 respondentes (59,4%) já ouviram falar em educação financeira, e 2 alunos (0,5%) não responderam a pergunta. Santos (2011) observa ainda, que os alunos que alegaram ter conhecimento sobre o tema, na sua maioria revelou que o obteve por meio de jornais, livros e revistas.

Ao indagar sobre a participação dos pais e escola, a pesquisa de Santos (2011) demonstrou que nenhuma das escolas pesquisadas oferece algum tipo de iniciativa, ou atividade, relacionada ao assunto educação financeira e que quando perguntados se acreditavam ser importante que o tema fosse ensinado na escola a grande maioria 93,19% respondeu sim.

No que se refere a participação dos pais, Santos (2011) informou que quase a metade, 42,34% dos jovens recebem alguma quantia de seus pais, e podem administrá-la por conta própria e que a destinação principal dessa quantia é para o pagamento de contas.

Santos (2011) afirma que ficou evidente que 55,72% dos pais conversam com seus filhos sobre finanças, e ainda que 70,07% dos alunos afirmaram que seus pais possuem uma poupança.

Por fim Santos (2011) conclui seu estudo dizendo que a maior parte dos estudantes do Ensino Médio das escolas públicas de Porto Alegre e Alvorada não possui um conhecimento satisfatório de Educação Financeira.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia descreve os procedimentos que devem ser seguidos na sua realização, variando de acordo com as características de cada pesquisa (GIL, 2002).

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

De acordo com Köche (2007), o planejamento de uma pesquisa depende do problema a ser estudado, como também da sua natureza e o espaço de tempo em que se encontra, e nível de conhecimento do pesquisador. Esses fatores levam as pesquisas científicas a serem consideradas processos racionais e sistemáticos, que tem como objetivo buscar resposta ao problema previamente estabelecido.

Para Lakatos e Marconi (2011), os métodos e as técnicas que serão empregados na pesquisa podem ser escolhidos desde a seleção do problema, da formulação das hipóteses e da delimitação do universo ou da amostra.

A seleção do instrumental metodológico está, portanto, diretamente relacionada com o problema a ser estudado; a escolha dependerá dos vários fatores relacionados com a pesquisa, ou seja, a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa, os recursos financeiros, a equipe humana e outros elementos que possam surgir no campo da investigação. (LAKATOS; MARCONI, 2011, p. 165).

A pesquisa realizada é baseada em métodos científicos em relação aos objetivos, procedimentos, métodos e natureza da pesquisa. Köche (2007 apud PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 49) destaca que: “o planejamento de uma pesquisa depende tanto do problema a ser estudado, da sua natureza e situação espaço-temporal em que se encontra, quanto da natureza e nível de conhecimento do pesquisador”.

Quanto à classificação da pesquisa, em relação ao seu objetivo, esta é caracterizada como descritiva, pois para Gil (2002, p. 42) o objetivo principal da pesquisa descritiva é “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” Sua característica mais significativa é a coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.



No presente estudo, a pesquisa é classificada como descritiva, pois preocupa-se em descrever, relatar e comparar dados com conceitos estabelecidos.

Esse tipo de pesquisa:

[...] tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo relações entre as variáveis. A coleta de dados nesse tipo de pesquisa possui técnicas padronizadas, como o questionário ou a observação sistemática. (SILVA, 2003, p. 65).

O processo descritivo visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo.

Utilizou-se o método dedutivo para desenvolver o presente estudo, que em virtude da sua lógica inicia-se em princípios já reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis, para se obter conclusões de maneira formal. Este método foi proposto pelos pensadores racionalistas (Descartes, Spinoza, Leibniz) “segundo os quais só a razão é capaz de levar ao conhecimento verdadeiro, que decorre de princípios *a priori* evidentes e irrecusáveis”. (GIL, 2008, p. 5).

A pesquisa também é exploratória, pois permite uma maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado, tendo por objetivo o aprimoramento de ideias, descobrir intuições e, posteriormente, construir hipóteses. Salienta-se, ainda, que a pesquisa exploratória, quando em harmonia com outras fontes, como pesquisa bibliográfica e entrevistas com indivíduos que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, assume a forma de estudo de caso.

Quanto aos procedimentos técnicos utilizados, pode-se afirmar que esta pesquisa se trata de um estudo de caso, pois, “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (GIL, 2002, p. 54). Quanto à forma de abordagem do problema, é possível classificá-la como quantitativa e qualitativa. Conforme Prodanov; Freitas, (2013) a pesquisa quantitativa considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão etc.).

No que se refere à pesquisa qualitativa, esta se identifica por “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito”, e por não se utilizar de métodos e técnicas estatísticas (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

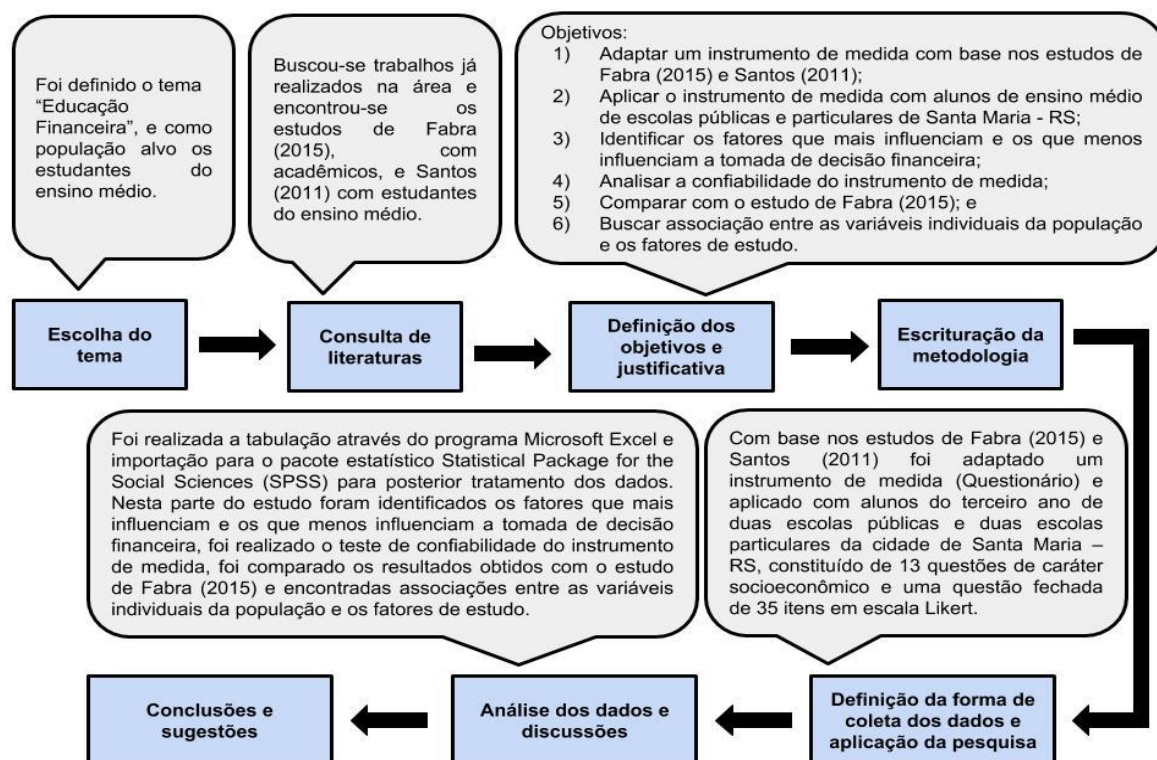
Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Quanto aos dados, a pesquisa utiliza o tipo de amostragem não probabilística, em uma população formada pelos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de duas escolas públicas, e duas escolas particulares do município de Santa Maria/RS.

### 3.2 ETAPAS DA PESQUISA

Definido “Educação Financeira” como o tema do estudo, buscou-se trabalhos já desenvolvidos na área, relacionados à educação financeira e finanças comportamentais e pessoais. Para se atingir o objetivo geral a pesquisa dividiu-se em diversas etapas como pode ser verificado na Figura 01.

Figura 1: Etapas da pesquisa



FONTE: Autores.

Conforme Figura 1, na busca por livros, artigos e dissertações, foram encontrados os trabalhos desenvolvidos por Cássio Bordin Fabra, com os acadêmicos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Maria/RS, no ano de 2015, e o desenvolvido por Pablo Giordano Giraldi dos Santos, com alunos de Ensino Médio de escolas públicas em Porto Alegre e Região Metropolitana, no ano de 2011, que nortearam o estudo e auxiliaram na elaboração dos objetivos, e a definir o problema em questão.

O desenvolvimento da pesquisa realizou-se através da análise dos fatores que influenciam a tomada de decisão financeira dos estudantes de escolas públicas e particulares, com aplicação de questionários estruturados, elaborados com questões fechadas e testes aplicados, a partir de entrevistas individuais, apoiadas por um questionário convencional impresso, desenvolvido com a finalidade de evidenciar as variáveis demonstradas nos objetivos específicos, que afetam o desenvolvimento educacional financeiro do aluno.

### 3.3 COLETA DE DADOS

Para coletar os dados necessários ao estudo, foram aplicados em outubro de 2017, em sala de aula, os questionários supramencionados com os das escolas já citadas, constituído de 13 questões de caráter socioeconômico e uma questão fechada de 35 itens em escala Likert.

O questionário adaptado, utilizado na presente pesquisa, tem como base dois estudos um desenvolvido por Fabra (2015) com os acadêmicos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Maria/RS, onde foram elencados 9 fatores que influenciam a tomada de decisão financeira, e o estudo desenvolvido por Santos (2011), que tem por objetivo geral verificar o nível de conhecimento financeiro dos alunos de Ensino Médio de escolas públicas em Porto Alegre e Região Metropolitana. Em relação aos objetivos específicos Santos (2011) elencou: caracterizar o perfil socioeconômico e testar o conhecimento financeiro dos alunos participantes da pesquisa.

Sendo assim, na primeira parte do questionário, que é composta por 13 questões fechadas, buscou-se caracterizar o perfil socioeconômico dos estudantes, onde foram utilizadas 8 questões que compõem o instrumento de Santos (2011), que foram adaptadas, que tratam de “Abordagem inicial sobre Educação Financeira” e “Participação dos Pais e Escola”, os demais itens que compõem o questionário de Santos (2011) não foram utilizados tendo em vista que o presente trabalho não teve por objetivo testar o conhecimento financeiro dos alunos participantes da pesquisa.

A segunda parte do questionário, que é composta por 1 questão fechada com 35 itens em escala de Likert, sendo 4 as opções de resposta: Discordo Totalmente, Discordo, Concordo, Concordo Totalmente, foi utilizado o instrumento desenvolvido por Fabra (2015). No estudo desenvolvido por Fabra (2015) foram elencados 9 fatores que influenciam a tomada de decisão financeira: Trabalho, Renda, Cultura, Valores, Variáveis Demográficas, Dissonância Cognitiva, Excesso de Confiança, Arrependimento e Aversão ao risco. Para o desdobramento deste estudo optou-se por não utilizar os 9 fatores elencados por Fabra (2015), e sim 7 fatores. Foram retirados do instrumento os fatores Trabalho e Excesso de Confiança. O motivo desta alteração se dá em virtude de o estudo de Fabra (2015) ter sido desenvolvido

inicialmente para acadêmicos da Universidade Federal de Santa Maria – RS, do curso de Ciências Contábeis. .

Segundo Fabra (2015) o fator trabalho tem por objetivo verificar se promoções no trabalho aumentam o desempenho, se a estagnação no cargo afeta, ou não, o rendimento e ainda se o aumento ou corte salarial influencia, ou não, no comportamento financeiro. O fator trabalho foi retirado da pesquisa tendo em vista que poucos estudantes têm alguma profissão definida nesta idade, fato que ficou evidenciado quando aplicou-se a pesquisa, quando apenas 14% dos estudantes pesquisados afirmaram exercer alguma atividade profissional.

Ainda, segundo Fabra (2015), o fator excesso de confiança tem por finalidade demonstrar o excesso de confiança nos conhecimentos e a influência no comportamento financeiro, a confiança exagerada com base no nível de educação financeira e o risco de comportamento impulsivo e a autoconfiança excessiva e escolhas ruins de consumo.

Fabra (2015) partiu do pressuposto de que os acadêmicos do curso de Ciências Contábeis já possuem determinado nível de educação financeira pois adquirem conhecimentos de finanças durante sua graduação, a ponto de elevarem seu nível de educação financeira. Portanto, levando-se em consideração os objetivos do fator excesso de confiança e, ainda, que os alunos de escolas públicas e particulares da cidade de Santa Maria não possuem formação voltada para finanças que tenha lhes elevado seu nível de educação financeira, este fator foi retirado da presente pesquisa.

No Quadro 09 é apresentada a explicação do questionário utilizado.

#### Quadro 09 - Explicando o questionário

(continua)

<b>Questões</b>	<b>Divisão do questionário</b>	<b>Objetivo/Explicação</b>	<b>Fonte</b>
1 a 5	Dados do aluno	Identificação inicial do aluno e perfil socioeconômico	Dados da pesquisa
6 a 7	Abordagem inicial sobre educação financeira	Identificar se o respondente possui familiaridade com a temática.	Santos (2011)
8 a 13	Participação dos pais e escola	Conhecer o ponto de vista do estudante, em relação ao papel da escola e dos pais em sua Educação Financeira	Santos (2011)

## Quadro 09 - Explicando o questionário

(conclusão)

14	Fatores influenciadores da tomada de decisão	Evidenciar os fatores que influenciam a tomada de decisão financeira dos estudantes.	Fabra (2015)
----	--	--	--------------

Fonte: Autores.

Nota-se no Quadro 09 a composição geral do questionário aplicado com os estudantes do Ensino Médio, bem como a finalidade, ou objetivo, de cada seção do referido questionário, e ainda, a fonte que serviu de base para elaboração do instrumento.

No Quadro 10 é apresentada a explicação detalhada da questão 14 do questionário utilizado.

## Quadro 10 - Explicando a questão 14 do questionário utilizado

Ordem	Fatores elencados	Forma de construção	Observação
1	Renda	5 afirmativas para cada fator elencado, sendo 4 as opções de resposta: Discordo Totalmente, Discordo, Concordo, Concordo Totalmente	Se o respondente apresentar um comportamento de concordância em cada opção indica a existência de influência do fator na tomada de decisões financeiras.
2	Cultura		
3	Valores		
4	Variáveis Demográficas		
5	Dissonância Cognitiva		
6	Arrependimento		
7	Aversão ao Risco		

Fonte: Autores.

No Quadro 10 são demonstrados, de forma detalhada, os fatores utilizados na pesquisa e a forma de construção das afirmativas em escala Likert, utilizada para evidenciar os fatores que influenciam a tomada de decisão dos respondentes.

Para analisar a população em estudo, optou-se por utilizar o censo, o qual:

[...] em suma, é definido como a aferição de características específicas de um universo de objetos físicos e sociais, verificadas em todas as unidades ou elementos que compõem tal universo ou população, termos mais usuais

em Estatística. Como se depreende, o censo não depende de objetos específicos. (SASS, 2012, p. 133).

Foram aplicados 136 questionários em duas escolas públicas e duas escolas particulares da cidade de Santa Maria – RS totalizando 63 alunos na rede pública e 73 alunos na rede privada. Salieta-se duas dificuldades encontradas para aplicação do questionário a primeira em virtude da greve dos professores da rede pública estadual de ensino, não sendo possível, portanto, aplicar os referidos questionários nas escolas públicas estaduais da cidade. Sendo assim, optou-se por aplicá-los em duas escolas federais de Ensino Médio da Rede Pública de Ensino, que possuem processo seletivo dos estudantes. A segunda dificuldade encontrada se refere ao fato de algumas escolas particulares negarem o pedido de aplicação da pesquisa, tendo em vista a não aceitação por parte dos pais dos alunos.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta dos dados, os mesmos foram tabulados e codificados buscando sintetizá-los, facilitando a comunicação. Na tabulação de dados as informações são dispostas em tabelas para maior facilidade e compreensão, fazendo parte do processo estatístico. Já a codificação de dados coletados é uma técnica operacional onde os dados são transformados em símbolos, podendo ser tabelados e contados (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Em seguida do tratamento dos dados coletados, foi realizada análise dos mesmos. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 167), a análise de dados “é a tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores”. Dito isto, será realizada a discussão dos dados obtidos a partir das teorias existentes sobre o tema objeto deste estudo e do modelo referencial utilizado, de forma a evidenciar as características e fatos relacionados à educação financeira.

Na análise dos dados foram estruturados os dados coletados de forma a demonstrar e analisar as evidências encontradas, segundo os objetivos específicos traçados para o presente estudo.

Para a execução da análise e tratamento dos dados coletados na pesquisa, foi realizada a tabulação através do programa *Microsoft Excel*, para assim serem

importados para o programa estatístico escolhido: o pacote estatístico *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, e posterior cruzamento de variáveis.



## 4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo apresenta os resultados alcançados pela pesquisa, após tabuladas todas as respostas, visando atingir os objetivos propostos.

### 4.1 TESTE DE CONFIABILIDADE DO INSTRUMENTO DE MEDIDA

Segundo Hora et al., (2010), o coeficiente alfa de Cronbach foi apresentado por Lee J. Cronbach, em 1951, como uma forma de estimar a confiabilidade de um questionário aplicado em uma pesquisa. O alfa mede a correlação entre respostas em um questionário, através da análise do perfil das respostas dadas pelos respondentes, quantificando numa escala de 0 a 1 a confiabilidade interna de seus elementos, tendo como base um valor mínimo aceitável de 0,7, para ser considerado confiável. Trata-se de uma correlação média entre perguntas. Dado que todos os itens de um questionário utilizam a mesma escala de medição, o coeficiente Alfa é calculado a partir da variância dos itens individuais, e da variância da soma dos itens de cada avaliador. No Quadro 11 pode-se observar o resultado do teste de Alfa de Cronbach, individual para cada item proposto.

Quadro 11 – Resultado do Teste de Alfa de Cronbach por item.

Item	Alpha de Cronbach	Item	Alpha de Cronbach	Item	Alpha de Cronbach	Item	Alpha de Cronbach
15.1	0,819	15.10	0,813	15.19	0,810	15.28	0,811
15.2	0,809	15.11	0,813	15.20	0,817	15.29	0,806
15.3	0,810	15.12	0,809	15.21	0,811	15.30	0,810
15.4	0,811	15.13	0,809	15.22	0,813	15.31	0,808
15.5	0,811	15.14	0,810	15.23	0,807	15.32	0,810
15.6	0,813	15.15	0,818	15.24	0,813	15.33	0,815
15.7	0,813	15.16	0,814	15.25	0,812	15.34	0,809
15.8	0,810	15.17	0,819	15.26	0,805	15.35	0,818
15.9	0,811	15.18	0,812	15.27	0,807		

Fonte: Autores.

Na Tabela 1, verifica-se o resultado do Teste de Cronbach para todos os itens do estudo.

Tabela 1 – Resultado do teste Alfa de Cronbach

Alfa de Cronbach	
Alfa de Cronbach	0,816
Número de itens	35

Fonte: Autores.

Verifica-se que o valor atribuído ao Alfa de Cronbach resultou em 0,816. Assim, o instrumento possui fidedignidade por consistência interna, pois está acima dos 0,7 mínimos exigidos.

#### 4.2 PERFIL DA POPULAÇÃO EM ESTUDO

Esta seção do estudo procura descrever o perfil da população envolvida na pesquisa.

A pesquisa foi aplicada de forma presencial em quatro escolas da cidade de Santa Maria/RS, sendo duas da Rede Pública de Ensino, e duas da Rede Privada de Ensino. Ao todo foram aplicados 136 questionários. Salienta-se que conforme solicitação das instituições de ensino onde foram aplicados os questionários, os seus nomes não serão citados no presente estudo. Para melhor entendimento, utilizou-se as seguintes nomenclaturas para as escolas pesquisadas: “Pública-1”, “Pública-2”, “Privada-1” e “Privada-2”, como apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 – Instituição frequentada pelos estudantes

Instituição frequentada pelos alunos		
Instituição	Frequência	%
Pública-1	28	20,6%
Pública-2	35	25,7%
Privada-1	23	16,9%
Privada-2	50	36,8%
Total	136	100%

Fonte: Autores.

Salienta-se que as quatro escolas onde foram aplicados os questionários se mostraram abertas e receptivas à pesquisa. Chegando até elas foi possível apresentar o trabalho a(o) diretor(a) ou a(o) representante legal da escola. Os professores foram receptivos cedendo o espaço de suas aulas para que a pesquisa fosse aplicada.

#### 4.2.1 Perfil Socioeconômico dos estudantes

Na Tabela 3, observa-se a relação do sexo dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio de escolas públicas e particulares.

Tabela 3 – Sexo dos estudantes

Sexo dos acadêmicos		
Sexo	Frequência	%
Masculino	69	50,7%
Feminino	67	49,3%
Total	136	100%

Fonte: Autores.

Entre os 136 estudantes participantes da pesquisa, em relação ao sexo, constata-se que a população é de 49,3% do sexo feminino, e 50,7% do sexo masculino.

A Tabela 4, a seguir, descreve a idade dos alunos pesquisados.

Tabela 4 – Idade dos estudantes

Idade dos acadêmicos		
Idade	Frequência	%
Até 15 anos	0	0%
De 16 a 18 anos	131	96,3%
Mais de 18 anos	5	3,7%
Total	136	100%

Fonte: Autores.

Analisando a tabela, verifica-se que nenhum dos estudantes pesquisados possui 15 anos ou menos e ainda que a maior parte dos estudantes pesquisados, 96,3%, encontra-se na faixa etária de 16 a 18 anos.

A Tabela 5 apresenta a rede de ensino frequentada pelos estudantes.

Tabela 5 – Rede de ensino frequentada pelos estudantes

Rede de ensino frequentada pelos estudantes		
Rede	Frequência	%
Rede Pública de Ensino	63	46,3%
Rede Privada de Ensino	73	53,7%
Total	136	100

Fonte: Autores.

Percebe-se que a população está equilibrada, entre os respondentes da Rede Privada de Ensino e os estudantes da Rede Pública de Ensino.

A Tabela 6 mostra se os estudantes exercem alguma atividade profissional.

Tabela 6 – Exercício de atividade profissional dos estudantes

Exercício de atividade profissional dos estudantes		
Exerce	Frequência	%
Sim	19	14%
Não	117	86%
Total	136	100%

Fonte: Autores.

Verifica-se, na tabela, que apenas 14% dos estudantes pesquisados exercem alguma atividade profissional.

Na Tabela 7, observa-se a renda bruta familiar dos estudantes, a qual é constituída da renda da família mais a renda da individual, se possuir.

Tabela 7 – Renda Bruta Familiar dos estudantes

Renda Bruta Familiar dos estudantes		
Renda	Frequência	%
Até R\$ 937,00	3	2,20%
De R\$ 938,00 a R\$ 2.400,00	18	13,20%
De R\$2.401,00 a R\$5.600,00	41	30,10%
De R\$5.601,00 a R\$8.000,00	30	22,10%
De R\$8.001,00 a R\$16.000,00	27	19,90%
Acima de R\$16.000,00	17	12,50%
Total	136	100%

Fonte: Autores.

Constata-se que a maioria dos alunos se encontra em faixas de renda familiar de R\$ 2.401,00 a R\$ 8.000,00, totalizando 52,2%.

No Quadro 12, observa-se a renda bruta familiar dos estudantes, a qual é constituída da renda da família mais a renda individual, associada com a instituição pública ou privada.

Quadro 12 – Associação Instituição e Renda Bruta Familiar

Instituição	Renda Bruta Familiar						Total
	Até R\$937,00	De R\$ 938,00 a R\$2.400,00	De R\$ 2.401,00 a R\$5.600,00	De R\$ 5.601,00 a R\$8.000,00	De R\$ 8.001,00 a R\$ 16.000,00	Acima de R\$16.000,00	
Pública							
Frequência	2	6	23	12	13	7	63
%	3,2%	9,5%	36,5%	19%	20,6%	11,1%	100%
Privada							
Frequência	1	12	18	18	14	10	73
%	1,4%	16,4%	24,7%	24,7%	19,2%	13,7%	100%
Total							
Frequência	3	18	41	30	27	17	136
Total %	2,2%	13,2%	30,1%	22,1%	19,9%	12,5%	100%

Fonte: Autores.

Percebe-se por meio desse quadro que na escola pública a maior parte da renda concentra-se nas faixas que variam de R\$ 2.401,00 a R\$5.600,00, na ordem de 36,5%, seguida da faixa de R\$ 8.001,00 a R\$ 16.000,00, na ordem 20,6%, e ainda, na faixa de R\$ 5.601,00 a R\$8.000,00, encontra-se 19% dessa população. Ao se analisar as faixas salariais das escolas particulares pesquisadas, nota-se uma distribuição mais homogênea, nas faixas de R\$ 2.401,00 a R\$5.600,00 e de R\$ 5.601,00 a R\$8.000,00. Ambas obtiveram 24,7% de participação, seguidas pela faixa de R\$ 8.001,00 a R\$ 16.000,00, na ordem de 19,2%.

#### 4.3 ABORDAGEM INICIAL SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Na Tabela 8, observa-se a relação dos estudantes que afirmam já conhecer ou ter ouvido a respeito do tema Educação Financeira.

Tabela 8 – Indicação se os estudantes conhecem ou já ouviram falar em Educação Financeira

Indicação se os estudantes conhecem ou já ouviram falar em Educação Financeira		
Conhecem	Frequência	%
Sim	123	90,40%
Não	13	9,60%
Total	136	100%

Fonte: Autores.

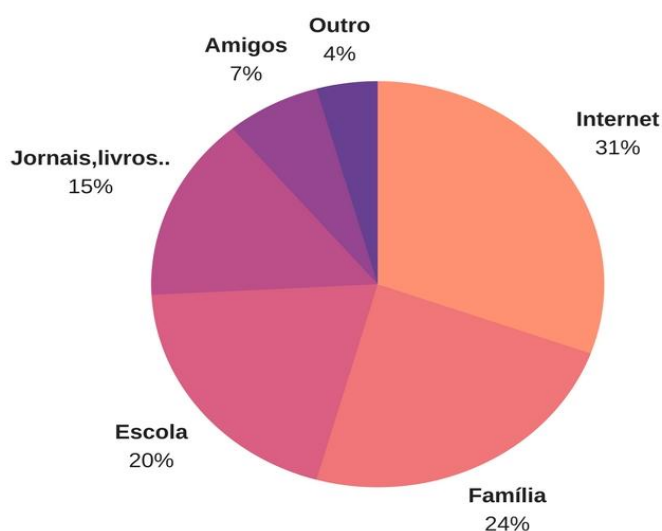
Conforme tabela acima, pode-se observar que 90,40% dos alunos afirmam conhecer ou já ouviram falar em educação financeira, e apenas 9,6% dos estudantes entrevistados afirmam desconhecer o assunto.

Após isso os respondentes poderiam marcar mais de uma opção referente ao meio pela qual adquiriu tal conhecimento, as quais eram: escola, internet, família, jornais livros e revistas, amigos, nunca ouvi falar sobre o tema e outro. Considerou-se somente os estudantes que marcaram na questão anterior que já tinham ouvido falar a respeito do tema, pois só assim poderiam dizer onde adquiriram tal conhecimento.

Como os respondentes poderiam marcar mais de uma opção, foram divididas para melhor entendimento, as opções pelas quantidades de marcações.

No Gráfico 1, observa-se a relação percentual de marcações sobre onde os estudantes adquiriram o conhecimento em educação financeira.

Gráfico 1 – Onde o respondente adquiriu conhecimentos a respeito do tema educação financeira.



Fonte: Autores

No Gráfico 1, observa-se que internet, família e escola são as maiores fontes de informação sobre finanças para os respondentes.

#### 4.3.1 Participação dos pais e escola

Quando os respondentes foram questionados se na sua escola tem ou teve alguma iniciativa, ou projeto a respeito de educação financeira, apenas 24 alunos, na ordem de 18% do total pesquisado, responderam que sim. Apesar de nenhuma escola, conforme sua coordenação ou diretoria, ter informado afirmativamente, quando perguntado se tinham realizado alguma atividade sobre educação financeira,

alguns alunos responderam que a instituição tinha realizado atividade ou projeto em suas dependências.

Os respondentes que afirmaram que havia tido iniciativa ou projeto na escola sobre educação financeira poderiam, na questão posterior, marcar entre três opções a maneira como ocorreu esta atividade, conforme Tabela 09, abaixo.

Tabela 09 – Onde ocorreu a iniciativa ou projeto sobre educação financeira

Onde ocorreu a iniciativa ou projeto sobre educação financeira	
Opção	Quantidade de marcações
Ocorre(u) nas aulas, inserida em outras disciplinas	7
Ocorre(u) nas aulas, em disciplina específica	10
É (foi) extra classe	7

Fonte: Autores.

Nenhuma das escolas afirmou ter alguma atividade na qual houvesse sido tratado o tema, muito menos uma disciplina específica sobre Educação Financeira. Tal ocorrência pode ser em função do ensino de matemática financeira, dentro da disciplina de matemática, ou ainda por iniciativa de um professor abordar este tema em sala de aula.

Na Tabela 10, a seguir, é demonstrada a afirmativa ou negativa por parte dos respondentes quando questionados se acreditavam ser importante o ensino do tema educação financeira na escola.

Tabela 10 – Indicação se os estudantes acreditam ser importante o ensino deste tema em sua escola

Indicação se os estudantes acreditam ser importante o ensino deste tema em sua escola		
Acreditam	Frequência	%
Sim	130	95,60%
Não	6	4,40%
Total	136	100%

Fonte: Autores.



É possível verificar, por meio dos resultados obtidos nesse questionamento, que a grande maioria dos estudantes (95,60%) acredita ser importante o ensino da Educação Financeira nas escolas.

Na Tabela 11, a seguir, pode-se observar a resposta dos estudantes quando questionados se recebem algum dinheiro de seus pais ou responsáveis.

Tabela 11 – Indicação se os estudantes recebem algum dinheiro de seus pais ou responsáveis

Indicação se os estudantes recebem algum dinheiro de seus pais ou responsáveis		
Recebem	Frequência	%
Sim	114	83,80%
Não	22	16,20%
Total	136	100%

Fonte: Autores.

De acordo com a pesquisa, 83,80% dos alunos recebem algum dinheiro de seus pais ou responsáveis, enquanto 16,20% não recebem.

Na Tabela 12 é demonstrada a resposta dos estudantes ao serem questionados se os pais têm o costume de conversar sobre dinheiro e negócios.

Tabela 12 – Indicação se os pais têm o costume de conversar sobre negócios ou dinheiro com os estudantes

Indicação se os pais têm o costume de conversar sobre negócios ou dinheiro com os estudantes		
Conversar	Frequência	%
Sim	98	72,10%
Não	38	27,90%
Total	136	100%

Fonte: Autores.

De acordo com os dados coletados, constatou-se que 72,10% dos pais conversam com os filhos sobre negócios e dinheiro, mas existe uma porcentagem significativa, 27,90% de estudantes, que afirmaram que os pais não costumam conversar sobre negócios e finanças.

Na Tabela 13 verifica-se se os pais têm o costume de poupar dinheiro.

Tabela 13 – Indicação se os pais dos estudantes costumam poupar dinheiro

Indicação se os pais dos estudantes costumam poupar dinheiro		
Poupam	Frequência	%
Sim	116	85,30%
Não	20	14,70%
Total	136	100%

Fonte: Autores.

Contatou-se com a pesquisa que 85,30% dos pais têm o costume de poupar dinheiro.

#### 4.4 FATORES QUE INFLUENCIAM NA TOMADA DE DECISÕES FINANCEIRAS

Após a tabulação, inserção dos dados tabulados no programa estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) e análise de todas as informações obtidas, chegou-se aos índices que correspondem à influência exercida por cada fator na tomada de decisão financeira, por parte dos alunos do Ensino Médio. Salienta-se que esses índices foram obtidos através de uma escala Likert de 4 pontos, onde pela análise da média geral de cada fator estudado chegou-se aos fatores que mais influenciam a tomada de decisão financeira dos estudantes.

Na Tabela 14, são apresentados os fatores que mais influenciam os estudantes na tomada de decisão financeira.

Tabela 14 – Fatores que mais influenciam na tomada de decisões financeiras dos estudantes

Fatores que mais influenciam na tomada de decisões financeiras dos estudantes		
Fator	Classificação	Média
Renda	1º	2,83
Aversão ao Risco	2º	2,60
Arrependimento	3º	2,55

Fonte: Autores.

Conforme a Tabela 14 verifica-se que os fatores que mais influenciam os estudantes na tomada de decisões são renda, aversão ao risco e arrependimento.

Na Tabela 15, são apresentados os fatores que menos influenciam os estudantes na sua tomada de decisões financeiras.

Tabela 15 – Fatores que menos influenciam na tomada de decisões financeiras dos estudantes

Fatores que menos influenciam na tomada de decisões financeiras dos estudantes		
Fator	Classificação	Média
Variáveis Demográficas	1º	1,92
Cultura	2º	2,13
Dissonância Cognitiva	3º	2,30

Fonte: Autores.

Como se constata na Tabela 15, os fatores elencados pelos respondentes como os menos influentes na tomada de decisão financeira são as variáveis demográficas, seguido pela cultura e dissonância cognitiva.

É importante salientar que todos os fatores elencados na pesquisa possuem algum nível de influência na tomada de decisão do indivíduo. No estudo, buscou-se verificar quais os fatores mais influenciam os estudantes no momento da tomada de decisão financeira. Assim, através da análise dos resultados ficou demonstrado que os fatores que mais influenciam os alunos são renda, aversão ao risco e

arrependimento, e os que menos influenciam são as variáveis demográficas, cultura e dissonância cognitiva.

Constata-se pela pesquisa que o atributo renda é o que mais influencia a tomada de decisão dos jovens, ou seja, o volume da renda familiar pesa nas decisões financeiras; a renda individual afeta a maneira de consumir ou poupar e, ainda, o aumento ou diminuição da renda tem impacto na decisão de consumo. Aversão ao risco demonstrou significativa importância na tomada de decisão financeira dos estudantes (2º lugar geral dos que mais influenciaram). Este atributo teve por objetivo analisar o comportamento financeiro frente a riscos, por meio de situações de ganho menor e mais seguro, e situações de ganho maior e mais inseguro. Portanto, pode-se inferir que os respondentes preferem manter a cautela, mesmo que leve a ganhos menores, demonstrando certo medo ao arriscar no âmbito financeiro.

Outro fator que demonstrou significativa importância na tomada de decisão financeira foi o atributo arrependimento, que ficou em 3º lugar dos que mais influenciam. Este atributo tem a intenção de evidenciar se situações passadas influenciaram a maneira de pensar financeiramente dos alunos e, ainda, se alguma situação de impulsividade ou incerteza, no momento de consumir, afetou ou não na escolha precipitada, levando ao arrependimento.

Sendo assim, ficou demonstrado que os alunos, no momento decisório, levam em consideração as suas experiências financeiras anteriores, em que agiram de forma impulsiva, das quais por falta de conhecimento ou por terem sido induzidos se arrependem.

Por outro lado, verificou-se que o fator que menos influencia a tomada de decisão dos estudantes do Ensino Médio de escolas públicas e particulares são as variáveis demográficas. Isso significa que a maioria dos indivíduos não considera que a sua idade interfere na responsabilidade do trato com o dinheiro, nem que o gênero influencia a maneira de gastar, ou que o seu estado civil pode impactar o seu comportamento financeiro, e que essa maioria ainda discorda que a sua formação educacional tem relação direta na maneira com que se comporta financeiramente.

O segundo fator que menos exerce influência na tomada de decisão financeira é o atributo cultura; isso significa que os aspectos culturais, como religião,

raça e região em que vivem têm pouca influência na forma como os estudantes lidam com o dinheiro.

O terceiro fator que menos influencia a decisão financeira dos estudantes é o atributo dissonância cognitiva, que é a capacidade do aluno em alterar suas convicções pré-existentes sobre investimentos ou financiamentos, em situações de perda e ganho. Os estudantes consideram que a dissonância cognitiva é um fator pouco relevante na tomada de decisões financeiras.

#### 4.4.1 Breve comparação com a pesquisa de Fabra (2015)

O Quadro 13, a seguir, demonstra os fatores que mais influenciaram os acadêmicos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Maria, na pesquisa realizada por Cássio Bordin Fabra, em 2015, em comparação com os fatores que mais influenciaram os estudantes do Ensino Médio de duas escolas públicas e duas escolas particulares da cidade de Santa Maria/RS.

Quadro 13 – Fatores que mais influenciam na tomada de decisões financeiras

Fatores que mais influenciam na tomada de decisões financeiras		
Classificação	Acadêmicos FABRA (2015)	Alunos Ensino Médio
	Fatores	Fatores
1º	Renda	Renda
2º	Trabalho	Aversão ao Risco
3º	Valores	Arrependimento

Fonte: Autores.

Observando o Quadro 13, nota-se que ambos encontram na primeira posição o fator renda como sendo o que mais influenciou, tanto os acadêmicos do curso de Ciências Contábeis como os estudantes do Ensino Médio de escolas públicas e particulares da cidade de Santa Maria. Pode-se, então, inferir que as duas populações entendem que a oscilação e o nível de suas rendas interferem diretamente em sua forma de consumo.

O fator trabalho não foi elencado na presente pesquisa, em função de muito poucos estudantes do Ensino Médio terem algum tipo de atividade profissional.

Fabra (2015), em sua pesquisa, encontrou outros dois fatores, conforme as tabelas, que influenciaram significativamente a tomada de decisão dos acadêmicos: trabalho e valores. No atual estudo foi encontrado juntamente com a renda outros dois fatores, que são aversão ao risco e arrependimento. Na pesquisa realizada por Cássio Bordin Fabra, partiu-se do princípio que os estudantes do curso de ciências contábeis já possuíam algum nível de educação financeira, em virtude do curso que escolheram.

Partindo-se do pressuposto de que o curso de Ciências Contábeis é um espaço que possui um direcionamento para a área financeira, é possível deduzir que os acadêmicos do referido curso adquirem conhecimentos durante sua graduação, a ponto de elevarem seu nível de educação financeira. Assim, infere-se que, tendo maior consciência sobre suas finanças pessoais e sobre suas decisões de consumo, tornam-se estudantes mais preparados intelectualmente, com um nível de aversão ao risco relativamente baixo. (FABRA, 2015, p. 5).

Pode-se inferir que como o estudo foi voltado para estudantes do Ensino Médio, partiu-se do princípio que os mesmos não possuíam nenhuma formação em finanças, portanto pode-se compreender melhor o motivo de aversão ao risco e arrependimento estarem também elencados como os que mais influenciam os estudantes. Por não possuírem maior entendimento a respeito de finanças pessoais, os mesmos sentem maior receio de investir, e até demonstram arrependimento por decisões de consumo tidas como erradas, diferente dos estudantes do curso de Ciências Contábeis, que por possuírem maior conhecimento em finanças, não possuem tanta aversão ao risco.

#### 4.5 ASSOCIAÇÃO DE VARIÁVEIS

Esta parte do estudo procurou, através do teste estatístico do Qui-quadrado, verificar a existência de associação entre os atributos da população em estudo, e os fatores que influenciam na tomada de decisões dos estudantes. Foram encontradas algumas associações na pesquisa, as quais estão elencadas seguir.

#### 4.5.1 Sexo e fator Renda

Na Tabela 16 é apresentada a associação entre o atributo sexo e o fator Renda na tomada de decisão financeira.

Tabela 16 – Associação entre sexo e o fator Renda

Associação entre Sexo e fator Renda				
Sexo	Masculino	Frequência	Feminino	Frequência
Alta concordância	53,60%	37	61,20%	41
Baixa Concordância	46,40%	32	38,80%	26
Total	100%	69	100%	67

Fonte: Autores.

Nota-se que o fator renda mostrou-se com nível de concordância maior para o sexo feminino quanto às decisões financeiras. Ou seja, a oscilação e o nível da renda das estudantes interferem diretamente na hora de consumir.

#### 4.5.2 Sexo e o fator Variáveis Demográficas

Na Tabela 17, é apresentada a associação entre o sexo e o fator variáveis demográficas.

Tabela 17 – Associação entre sexo e o fator Variáveis Demográficas

Associação entre Sexo e fator Variáveis Demográficas				
Sexo	Masculino	Frequência	Feminino	Frequência
Alta Concordância	71%	49	44,80%	30
Baixa Concordância	29%	20	55,20%	37
Total	100%	69	100%	67

Fonte: Autores.

Percebe-se, conforme a tabela acima, que o fator Variáveis Demográficas exerce maior influência na tomada de decisões dos respondentes do sexo masculino, ou seja, 71% da população masculina concorda que a sua idade, sexo, estado civil, entre outras, influenciam seu comportamento financeiro. No que diz respeito às respondentes do sexo feminino observa-se que o fator tem um baixo nível de influência. No contexto geral deste estudo, porém, o fator foi considerado o menos influenciador pelos estudantes.

#### 4.5.3 Instituição e o fator Cultura

Na Tabela 18, é apresentada a associação entre a Instituição (pública ou privada) e o fator Cultura.

Tabela 18 – Associação entre instituição e o fator Cultura

Associação entre Instituição e Cultura				
Instituição	Pública	Frequência	Privada	Frequência
Alta	66,70%	42	52,10%	38
Concordância				
Baixa	33,30%	21	47,90%	35
Concordância				
Total	100%	63	100%	73

Fonte: Autores.

Percebe-se pela tabela acima que os alunos das escolas públicas pesquisadas possuem um elevado nível de concordância no fator cultura, se comparados com os alunos de escolas particulares. Assim, os alunos de escolas públicas entendem que sua religião pode afetar o seu comportamento quanto ao dinheiro; sua etnia pode interferir na responsabilidade do trato com o dinheiro e, ainda, o comportamento local e/ou familiar pode afetar sua maneira de pensar financeiramente.



#### 4.5.4 Instituição e o fator Arrependimento

Na Tabela 19, é demonstrada a associação entre a instituição (pública ou privada) e o fator arrependimento.

Tabela 19 – Associação entre instituição e o fator Arrependimento

Associação entre Instituição e Arrependimento				
Instituição	Pública	Frequência	Privada	Frequência
Alta	42,90%	27	60,30%	44
Concordância				
Baixa	57,10%	36	42,90%	29
Concordância				
Total	100%	63	100%	73

Fonte: Autores.

O fator arrependimento questionou os estudantes se situações passadas influenciam na sua maneira de pensar financeiramente; se alguma situação de impulsividade em momento de consumir afetou, ou não, na escolha precipitada, levando ao arrependimento; e ainda se situações de incerteza e pouco conhecimento possam ter gerado arrependimento. Na Tabela 19 pode-se observar que nos estudantes de escolas privadas o arrependimento é um fator influenciador em sua tomada de decisões. Já com os alunos das escolas públicas, houve uma baixa concordância em relação ao arrependimento na tomada de suas decisões financeiras.

#### 4.5.5 Atividade profissional e o fator Renda

Na Tabela 20 é apresentada a associação entre o atributo atividade profissional e o fator Renda, na tomada de decisão financeira.

Tabela 20 – Associação entre atividade profissional e o fator Renda

Associação entre Atividade Profissional e Renda				
Atividade profissional	Sim	Frequência	Não	Frequência
Alta Concordância	78,90%	15	53,80%	63
Baixa Concordância	21,10%	4	46,20%	54
Total	100%	19	100%	117

Fonte: Autores.

Observa-se na tabela acima que a renda possui alta concordância na tomada de decisão financeira, nos estudantes que exercem alguma atividade profissional. Pode-se inferir que aqueles que exercem atividade profissional e, conseqüentemente, obtêm um rendimento financeiro, tomam decisões mais racionais, e preocupam-se mais na hora de consumir.

#### 4.5.6 Atividade profissional e o fator Variáveis Demográficas

Na Tabela 21 é apresentada a associação entre o atributo atividade profissional e o fator Variáveis Demográficas na tomada de decisão financeira.

Tabela 21 – Associação entre atividade profissional e o fator Variáveis Demográficas

Associação entre Atividade Profissional e Variáveis Demográficas				
Atividade Profissional	Sim	Frequência	Não	Frequência
Alta Concordância	31,60%	6	62,40%	73
Baixa Concordância	68,40%	13	31,60%	44
Total	100%	19	100%	117

Fonte: Autores.

Conforme a tabela acima, os estudantes que exercem alguma atividade profissional possuem baixa concordância em relação ao fator variáveis demográficas, na tomada de decisão financeira. Já em relação aos que não

exercem, observa-se que o fator possui uma maior influência nas decisões financeiras.

#### 4.5.7 Renda bruta familiar e o fator Renda

Na Tabela 22 é apresentada a associação entre o atributo renda bruta familiar e o fator Renda, na tomada de decisão financeira.

Tabela 22 – Associação entre a renda bruta familiar e o fator Renda

Associação entre a Renda Bruta Familiar e o fator Renda					
Renda Bruta Familiar	Alta Concordância	Frequência	Baixa Concordância	Frequência	Total
Até R\$ 937,00	66,70%	2	33,30%	1	100%
De R\$ 938,00 a R\$ 2.400,00	88,90%	16	11,10%	2	100%
De R\$2.401,00 a R\$5.600,00	48,80%	20	51,20%	21	100%
De R\$5.601,00 a R\$8.000,00	53,30%	16	46,70%	14	100%
De R\$8.001,00 a R\$16.000,00	44,40%	12	55,60%	15	100%
Acima de R\$16.000,00	70,60%	12	29,40%	5	100%
Total		78		58	

Fonte: Autores.

Nota-se que a renda exerce influência nas decisões financeiras nas faixas de renda bruta familiar até R\$2.400,00, assim como na faixa de renda bruta familiar acima de R\$16.000,00.

#### 4.5.8 Mesada e o fator Variáveis Demográficas

Na Tabela 23 é apresentada a associação entre o atributo mesada e o fator Variáveis Demográficas na tomada de decisão financeira.

Tabela 23 – Associação entre mesada e o fator Variáveis Demográficas

Associação entre Mesada e Variáveis Demográficas				
Mesada	Sim	Frequência	Não	Frequência
Alta	62,30%	71	36,40%	8
Concordância				
Baixa	37,70%	43	63,60%	14
Concordância				
Total	100%	114	100%	22

Fonte: Autores.

Analisando a Tabela 23, constata-se que o fator Variáveis Demográficas possui maior influência na tomada de decisão financeira, entre os estudantes que recebem mesada.

#### 4.5.9 Mesada e fator Aversão ao Risco

Na Tabela 24 é apresentada a associação entre o atributo mesada e o fator Aversão ao Risco, na tomada de decisão financeira.

Tabela 24 – Associação entre mesada e o fator Aversão ao Risco

Associação entre Mesada e Aversão ao Risco				
Mesada	Sim	Frequência	Não	Frequência
Alta	58,80%	67	31,80%	7
Concordância				
Baixa	41,20%	47	68,20%	15
Concordância				
Total	100%	114	100%	22

Fonte: Autores.

Constata-se, ao analisar a tabela acima, que os estudantes que recebem mesada possuem uma elevada concordância com relação ao fator aversão ao risco. Já os estudantes que não recebem mesada não concordam que o fator aversão ao risco tenha influência na tomada de decisão financeira, demonstrando assim baixa

concordância. Assim, os estudantes que recebem mesada são mais cautelosos com relação a situações de risco.

## 5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

As finanças comportamentais vêm tentando explicar o comportamento do ser humano, frente às situações fixadas no mercado financeiro. Diversos fatores, como psicológicos, por exemplo, podem afetar a tomada de decisão em relação às finanças, assim sendo, o presente estudo trabalhou a seguinte questão-problema: Quais são os fatores que mais influenciam os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio das escolas públicas e particulares de Santa Maria/RS a tomarem suas decisões financeiras?

O trabalho atingiu o seu objetivo geral ao identificar que os fatores que mais influenciam os estudantes a tomarem suas decisões financeiras são a renda, aversão ao risco e arrependimento, ou seja, os alunos levam em consideração o volume da renda financeira individual e familiar, e preferem manter a cautela em relação a arriscar financeiramente. Também se percebe que os respondentes têm uma tendência em utilizar um resultado passado como fator de avaliação para a tomada de decisão financeira, ou seja, arrependimentos passados são levados em consideração na hora de assumir riscos maiores em uma decisão atual.

Os objetivos específicos também foram alcançados. O primeiro objetivo, de adaptar um instrumento de medida para a pesquisa atual foi concluído com êxito. Utilizou-se como base, o questionário de Fabra (2015) e Santos (2011), fazendo algumas modificações que melhor se adaptariam ao atual estudo.

Apesar de algumas dificuldades, como a greve das escolas estaduais, e negativas de algumas escolas, o segundo objetivo, de aplicar o instrumento de medida com os alunos de Ensino Médio de escolas públicas e privadas de Santa Maria foi concluído.

O terceiro objetivo analisou a confiabilidade do instrumento de medida adaptado. O questionário foi considerado confiável e consistente, como revela o Teste de Alfa de Cronbrach, que indicou o valor de 0,816, acima dos 0,7 exigidos pelo teste.

O outro objetivo, identificar os fatores que mais influenciam, e os que menos influenciam a tomada de decisão financeira, foi atingido quando se identificou que os três fatores mais influenciadores foram Renda, Aversão ao Risco e Arrependimento,

e os menos influenciadores foram Variáveis Demográficas, Cultura e Dissonância Cognitiva.

Pode-se inferir que a baixa influência do fator Variáveis Demográficas deve-se ao fato de a maior parte dos respondentes não considerarem que a idade, o gênero ou seu estado civil interferem em seu comportamento financeiro.

Nota-se que o fator cultura, também pouco influenciador, não interfere na forma com a qual os estudantes lidam com o dinheiro. Significa que a religião, raça e região em que vivem não influenciam na tomada de decisão financeira.

Por fim, o terceiro fator que demonstrou menos influência foi a Dissonância Cognitiva, ou seja, não possuem resistência para mudar de opinião em frente a más experiências financeiras, ou mudar seu comportamento em frente a situações de perda e ganho.

Relacionou-se o estudo atual com o estudo de Fabra (2015), e observou-se que nas duas pesquisas, o fator Renda foi o mais influenciador na tomada de decisões financeiras. Pode-se, então, inferir que as duas populações entendem que a oscilação e o nível de suas rendas interferem diretamente em sua forma de consumo.

Na pesquisa realizada por Fabra (2015), partiu-se do princípio que os estudantes do curso de Ciências Contábeis já possuíam algum nível de educação financeira em virtude do curso que escolheram; no entanto no atual estudo, partiu-se do princípio que os estudantes do Ensino Médio não possuíam nenhuma formação voltada para finanças. Deste modo, pode-se entender o motivo de aversão ao risco e arrependimento estarem também elencados como os que mais influenciaram os estudantes. Por não possuírem maior entendimento a respeito de finanças pessoais, os mesmos sentem maior receio de investir, e até demonstram arrependimento por decisões de consumo tidas como erradas, diferente dos estudantes do curso de Ciências Contábeis, que por possuírem maior conhecimento em finanças não possuem tanta aversão ao risco.

O sexto e último objetivo foi buscar associação entre as variáveis individuais da população e os fatores de estudo. Nesse sentido, foram encontradas algumas associações com significâncias consideráveis por meio da utilização dos testes não paramétricos do Qui-Quadrado de Pearson.

Durante as análises, entre as associações mais relevantes esteve a que relacionou entre o sexo e o fator renda, nas quais o fator renda mostrou-se com nível de concordância maior para as mulheres participantes do estudo, quanto às decisões financeiras. Ou seja, a oscilação e o nível da renda das estudantes interferem diretamente no seu consumo. Diferentemente dos homens, as mulheres pesquisadas pensam mais no nível de renda, antes de tomar qualquer decisão, do que os homens pesquisados.

Além da renda, o sexo teve associação com o fator Variáveis Demográficas. Este fator exerce maior influência na tomada de decisões dos respondentes do sexo masculino, ou seja, 71% da população masculina concordam que a sua idade, sexo, estado civil, entre outras, influenciam seu comportamento financeiro. No que diz respeito às respondentes do sexo feminino observa-se que o fator tem um baixo nível de influência.

Concluiu-se que diversos fatores, como psicológicos, por exemplo, podem afetar a tomada de decisões dos indivíduos e o seu comportamento em relação às finanças, e através dos resultados obtidos na pesquisa, e na comparação com o estudo de Fabra (2015), pode-se inferir que os indivíduos que possuem conhecimento na área financeira, como os acadêmicos do curso de Ciências Contábeis pesquisados por Fabra (2015), possuem menos aversão ao risco, e menos arrependimentos, se comparados com os estudantes do Ensino Médio.

## 5.1 LIMITAÇÕES E SUGESTÕES

É importante ressaltar que o prazo e a greve nas escolas estaduais foram algumas limitações do estudo, pois não foi possível contatar um número maior de escolas para que pudesse ser aplicada a pesquisa. Além de que os questionários foram aplicados em escolas públicas de ensino, onde os alunos são selecionados em um processo seletivo com prova, elevando o nível educacional.

Sugere-se, para trabalhos futuros que o mesmo questionamento seja aplicado em escolas estaduais de ensino, onde não foi possível devido à greve, para que seja feito um comparativo com esses estudantes. Também sugere-se elaborar um método de como esse assunto pode ser trabalho em sala de aula, visto que as escolas pesquisadas não tratam diretamente do assunto.



## REFERÊNCIAS

ABREU FILHO, José Carlos Franco de et al. **Finanças corporativas**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ASSAF NETO, A; LIMA, F. G. **Curso de administração financeira**. São Paulo: Atlas, 2014.

BALEEIRO, Aliomar. **Uma introdução à ciência das finanças**. 16. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

BARBEDO, Carlos Henrique da Silveira; SILVA, Eduardo Camilo da. **Finanças comportamentais: pessoas inteligentes também perdem dinheiro na bolsa de valores**. São Paulo: Atlas, 2008.

BANCO CENTRAL DO BRASIL - BACEN. **O programa de educação financeira do Banco Central**. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/pre/bcuniversidade/introducaoPEF.asp>>. Acesso em: 26 maio 2017.

\_\_\_\_\_. **Caderno de educação financeira: gestão de finanças pessoais**. 2013. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

BRASIL. **Educação financeira**. Brasília, DF: Portal Brasil, 2010. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br>>. Acesso em: 27 maio 2017.

BRUTES, Larissa; SEIBERT, Rosane Maria. O ensino da educação financeira a jovens de escolas públicas de Santo Ângelo. **Vivências**: revista eletrônica de extensão da URI. Santo Ângelo, v.10, n.18, p. 174-184, mai./2014. Disponível em: <[http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero\\_018/artigos/pdf/Artigo\\_15.pdf](http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_018/artigos/pdf/Artigo_15.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2017.

CAMARGO, B. F. et al. Contabilidade mental e finanças comportamentais: estudo com colaboradores de uma empresa cerealista. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 13, n. 2, p. 65-91, 2015.

CERBASI, Gustavo. **Dinheiro: os segredos de quem tem**. São Paulo: Gente, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pais inteligentes enriquecem seus filhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

CHEROBIM, A. P. M. S.; ESPEJO, M. M. dos S. B. **Finanças pessoais: conhecer para enriquecer!** São Paulo: Atlas, 2010.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) - abril 2017**. 2017. Disponível em: <<http://cnc.org.br/central-do-conhecimento/pesquisas/economia/pesquisa-nacional-de-endividamento-e-inadimplencia-do--29>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

D'AQUINO, Cássia. **Educação financeira**. 2017. Disponível em: <<http://www.educacaofinanceira.com.br/index.php/escolas/conteudo/469>>. Acesso em: 28 maio 2017.

\_\_\_\_\_. **Educação financeira: como educar seus filhos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

EKER, Harv T. **Os segredos da mente milionária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

EWALD, Carlos Luís. **Sobrou dinheiro!** : lições de economia doméstica. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FABRA, Cássio Bordin. **Educação financeira e a tomada de decisões: um estudo à luz das finanças comportamentais**. 2015. 78 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015.

FERREIRA, R. **Como planejar, organizar e controlar seu dinheiro**. São Paulo: Thomson IOB, 2006.

FIPECAFI – Fundação Instituto de Pesquisa Contábeis, Atuariais e Financeiras. **Manual de contabilidade das sociedades por ações**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

FLORES, Sílvia Amélia Mendonça; VIEIRA, Kelmara Mendes; CORONEL, Daniel Arruda. Influência de fatores comportamentais na propensão ao endividamento. **Revista de Administração Faces Journal**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 13-35, abr./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/facesp/article/view/808/1269>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

FRANCO, Hilário. **Contabilidade geral**. 23. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GAVA, F. W. **As finanças pessoais: entendendo os problemas financeiros e balanceando o orçamento doméstico**. 2004. 54 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GHANEM, Elie. A educação na mudança social: lugar central, lugar secundário e lugar nenhum. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 45 p. 213-229, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n45/15.pdf>>. Acesso: em 24 junho 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 7. ed. São Paulo: Harbra Ltda, 2002.

GROPPELLI, A. A.; NIKBAKHT, Elisan. **Administração financeira**. São Paulo: Saraiva, 1998.

KIOYOSAKI, Robert T.; LECHTER, S. L. **Pai rico, pai pobre: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro**. 66. ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LEOPOLDINO, Cláudio Bezerra. **Educação financeira para universitários**. 1. ed. [S.l.: s.n.], 2014.

MACEDO JR, Jurandir Sell; KOLINSKY, Régine; MORAIS, José Carlos Junça de. **Finanças comportamentais: como o desejo, o poder, o dinheiro e as pessoas influenciam nossas decisões**. São Paulo: Atlas, 2011.

MACHADO, João Luiz de Almeida. **As crianças e o dinheiro**. 2006. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/impressao.asp?artigo=686>>. Acesso em: 27 maio 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARION, José Carlos. **Contabilidade empresarial**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARQUES, Wagner Luiz. **Contabilidade gerencial à necessidade das empresas**. 2. ed. Cianorte: Bacon, 2004.

MARTINS, José Pio. **Educação financeira ao alcance de todos**. 1. ed. São Paulo: Fundamento, 2004.

MEDEIROS, Flaviani Souto Bolzan; LOPES, Taize de Andrade Machado. Finanças pessoais: um estudo com alunos do curso de Ciências Contábeis de uma IES privada de Santa Maria – RS. **Revista Eletônica de Estratégia e Negócios - REEN**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 222-251, mai./ago. 2014. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/EeN/index>>. Acesso em: 10 maio 2017.

MENEGHETTI NETO, Alfredo. et al. **Educação financeira**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Conferências sobre educação financeira acontecerão em maio**. 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35987>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

MODERNELL, Álvaro. **Afinal, o que é educação financeira**. 2012. Disponível em: <<http://maisativos.com.br/novosite/artigo-afinal-o-que-e-educacao-financiera>>. Acesso em: 15 junho 2017.

\_\_\_\_\_. **Retrato atual da educação financeira (no Brasil e no mundo)**. 2016. Disponível em: <http://cnsseg.org.br/fenacap/servicos-apoio/noticias/alvaro-modernell-retrato-atual-da-educacao-financiera-no-brasil-e-no-mundo>. Acesso em: 11 junho 2017.

PEREIRA, Glória Maria Garcia. **A energia do dinheiro: como fazer dinheiro e desfrutar dele**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

PERETTI, Luis Carlos. **Educação financeira: um guia para ajudar resolver seus problemas**. 1. ed. Dois Vizinhos: Impressul, 2007.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<https://feevale.br/editora>>. Acesso em: 7 maio 2017.

RIBEIRO, Osni Moura. **Contabilidade geral fácil**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

SAITO, André Taue; SAVÓIA, José Roberto Ferreira; PETRONI, Liége Mariel. A educação financeira no Brasil sob a ótica da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE). **Anais...** São Paulo: EAD/FEA/USP, 2006.

SANTOS, Fischer. **Os dez mandamentos da educação financeira: o guia para sua independência financeira**. [S.l.: s.n.], 2015.

SANTOS, José Odílio dos. **Finanças pessoais para todas as idades: um guia prático**. São Paulo: Atlas, 2014.

SANTOS, Julio. **Educação financeira para pais e filhos**. São Paulo: Rebetos, 2012.

SANTOS, Pablo Giordano Giralddi dos. **Análise do conhecimento financeiro dos alunos do Ensino Médio**. 2011. 87 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2011.

SASS, Odair. **Sobre os conceitos de censo e amostra em educação, no Brasil**. Estatística e Sociedade, Porto Alegre, n. 2, p.128-141, nov. 2012.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro da. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade: orientações de estudos, projetos, relatórios, monografias, dissertações, tese**. São Paulo: Atlas, 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**Instrumento de coleta de dados****Trabalho de Conclusão do Curso em Ciências Contábeis****Alunos:** LUCAS LIMA BORGES E LUISA DEL FABRO DIESSEL**Orientador:** PROF. DR. IVAN HENRIQUE VEY**Instruções (1ª Parte):**

Esse trabalho tem como objetivo identificar, quais são os fatores que influenciam os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio das escolas públicas e particulares de Santa Maria - RS a tomarem suas decisões financeiras. As perguntas abaixo não possuem uma resposta correta, responda conforme julgar a que mais se encaixa no seu perfil. Leia com atenção cada pergunta e assinale a alternativa desejada com um **X**. Não é necessário nenhum tipo de identificação, a análise dos dados obtidos nesta pesquisa não apontará características individuais de nenhum respondente específico, assim como a escola.

**1) Sexo:** 1 (  ) Masculino 2 (  ) Feminino

**2) Idade:**

1 (  ) Até 15 anos

2 (  ) De 16 a 18 anos

3 (  ) Mais de 18 anos

**3) Instituição de ensino:**

1 (  ) Rede Pública de Ensino

2 (  ) Rede Privada de Ensino

**4) Você exerce alguma atividade profissional?** 1 (  ) Sim 2 (  ) Não

Se sim, especifique:

5) Renda bruta mensal da sua família, incluindo sua própria renda, se possuir (aproximada):

1 ( ) Até R\$ 937,00	4 ( ) De R\$ 5.601,00 a R\$ 8.000,00
2 ( ) De R\$ 938,00 a R\$ 2.400,00	5 ( ) De R\$ 8.001,00 a R\$ 16.000,00
3 ( ) De R\$ 2.401,00 a R\$ 5.600,00	6 ( ) Acima de R\$ 16.000,00

### Abordagem inicial sobre Educação Financeira:

6) Você conhece ou já ouviu falar em Educação Financeira? ( ) Sim ( ) Não

7) Onde adquiriu conhecimentos a respeito deste tema (marque mais de uma, se for o caso)?

- 1 ( ) Escola
- 2 ( ) Internet
- 3 ( ) Família
- 4 ( ) Jornais, livros ou revistas
- 5 ( ) Amigos
- 6 ( ) Nunca ouvi falar sobre o tema
- 7 ( ) Outro

### Participação dos Pais e Escola:

8) Sua escola tem ou teve alguma iniciativa ou projeto a respeito de Educação Financeira?

- ( ) Sim
- ( ) Não (pule a próxima questão)

9) Esta iniciativa:

- ( ) Ocorre(u) nas aulas, inserida em outras disciplinas
- ( ) Ocorre(u) nas aulas, em disciplina específica
- ( ) É (foi) extra classe

10) Você acredita ser importante o ensino deste tema em sua escola?

- ( ) Sim
- ( ) Não

11) Você recebe algum dinheiro de seus pais ou responsável?

- ( ) Sim
- ( ) Não

12) Seus pais têm (tinham) o costume de conversar sobre negócios ou dinheiro com você?

- ( ) Sim
- ( ) Não

13) Seus pais costumam (costumavam) poupar dinheiro?

- ( ) Sim
- ( ) Não

**Instruções (2ª Parte):**

**14)** Abaixo estão listados fatores influenciadores nas decisões financeiras com base em frases afirmativas, nas quais você poderá marcar a alternativa que julga verdadeira, de acordo com suas características pessoais. Caso algum item esteja fora de sua realidade, considere estar vivenciando as situações abaixo. Marque com um **X** sua opção de acordo com a escala *Likert* a seguir:



<b>Itens dos fatores que influenciam nas decisões financeiras</b>					
<b>Os itens 1 ao 5 referem-se ao atributo cultura</b>		1	2	3	4
1	A minha religião, crença espiritual ou ausência dela afeta minha visão financeira.				
2	O comportamento da minha família no trato com o dinheiro influencia nas minhas decisões financeiras.				
3	A personalidade da sociedade na qual estou inserido contribui com o meu modo de agir financeiramente.				
4	Outras culturas, de diferentes grupos étnicos, fazem eu pensar no modo que consumo.				
5	A cultura do meu grupo étnico inspira no meu comportamento financeiro.				
<b>Os itens 6 ao 10 referem-se ao atributo renda</b>		1	2	3	4
6	O volume total de renda da minha família tem impacto nas decisões de consumo.				
7	A nossa renda familiar afeta na maneira que consumimos ou poupamos nosso dinheiro.				
8	Se a minha renda aumenta eu mudo o modo que trato meu dinheiro.				
9	Se a nossa renda familiar diminui, esse fator impacta no meu comportamento financeiro.				
10	Ganhar uma renda elevada inesperadamente contribui com a maneira que lido com o dinheiro.				
<b>Os itens 11 ao 15 referem-se ao atributo valores</b>		1	2	3	4
11	O valor econômico do dinheiro para mim é muito importante.				
12	O dinheiro influencia meu jeito de pensar financeiramente.				
13	O valor do dinheiro para mim impacta na hora de poupar ou consumir.				
14	O valor que o dinheiro tem induz na minha escolha profissional.				
15	O dinheiro me traz uma sensação de <i>status</i> na sociedade que estou inserido.				



<b>Os itens 16 ao 20 referem-se ao atributo variáveis demográficas</b>		1	2	3	4
16	A minha idade interfere na responsabilidade do trato com o dinheiro.				
17	Eu acredito que o gênero do indivíduo contribui para o modo que ele gasta seu dinheiro.				
18	O meu estado civil impacta nas minhas escolhas financeiras.				
19	A minha formação educacional interfere diretamente no meu nível de educação financeira.				
20	O nível da formação educacional é diretamente proporcional ao nível de educação financeira de qualquer indivíduo.				
<b>Os itens 21 ao 25 referem-se ao atributo dissonância cognitiva</b>		1	2	3	4
21	Meus conhecimentos gerais interferem no jeito que lido com o dinheiro.				
22	Experiências financeiras ruins ocorridas anteriormente me tornam resistente para mudar de opinião no âmbito que a experiência ocorreu.				
23	Em situações de ganho ou perda financeira eu mudo minha maneira de agir.				
24	Se eu não consigo atingir um objetivo financeiro, eu arrumo desculpas para o meu fracasso e acabo me iludindo, usando frases como: “Não era para ser”, “tinham muitos concorrentes”, “eu nem estava querendo de verdade”, entre outros.				
25	Eu sou capaz de mudar crenças e observações que eu julgava como certas em minhas decisões financeiras.				
<b>Os itens 26 ao 30 referem-se ao atributo arrependimento</b>		1	2	3	4
26	Já me arrependi em alguma escolha financeira.				
27	Tive comportamentos impulsivos que me trouxeram resultados ruins financeiramente nos quais me arrependo.				
28	Algumas vezes o pouco conhecimento em algum assunto me levou a me arrepender.				
29	Já fui induzido a realizar escolhas nas quais me arrependi.				
30	Se eu pudesse voltaria atrás em alguma escolha financeira que não obtive êxito.				
<b>Os itens 31 ao 35 referem-se ao atributo aversão ao risco</b>		1	2	3	4
31	Prefiro ter a probabilidade de 90% em ganhar 3.500,00 reais e 10% em ganhar nada, do que a probabilidade de 40% em ganhar 5.000,00 reais e 60% em ganhar nada.				
32	Prefiro ter a probabilidade de 80% em ganhar 5.000,00 reais e 20% em ganhar nada, do que a probabilidade de 30% em ganhar 7500,00 reais e 70% em ganhar nada.				
33	Sou uma pessoa que prefere arriscar menos e ganhar menos do que arriscar mais e ganhar mais.				
34	Tenho medo de arriscar em situações de investimento financeiro.				
35	Não tenho coragem para arriscar investir o dinheiro em investimentos que não são muito seguros.				

**Muito obrigado pela sua participação!**